



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

APOSTILA **DE**

FILOSOFIA

COLEÇÃO

**EDUCAÇÃO
TRANSFORMA**

**FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO DE ALMADA
ALFREDO DE SOUSA MEDRADO NETO**

AUTORES

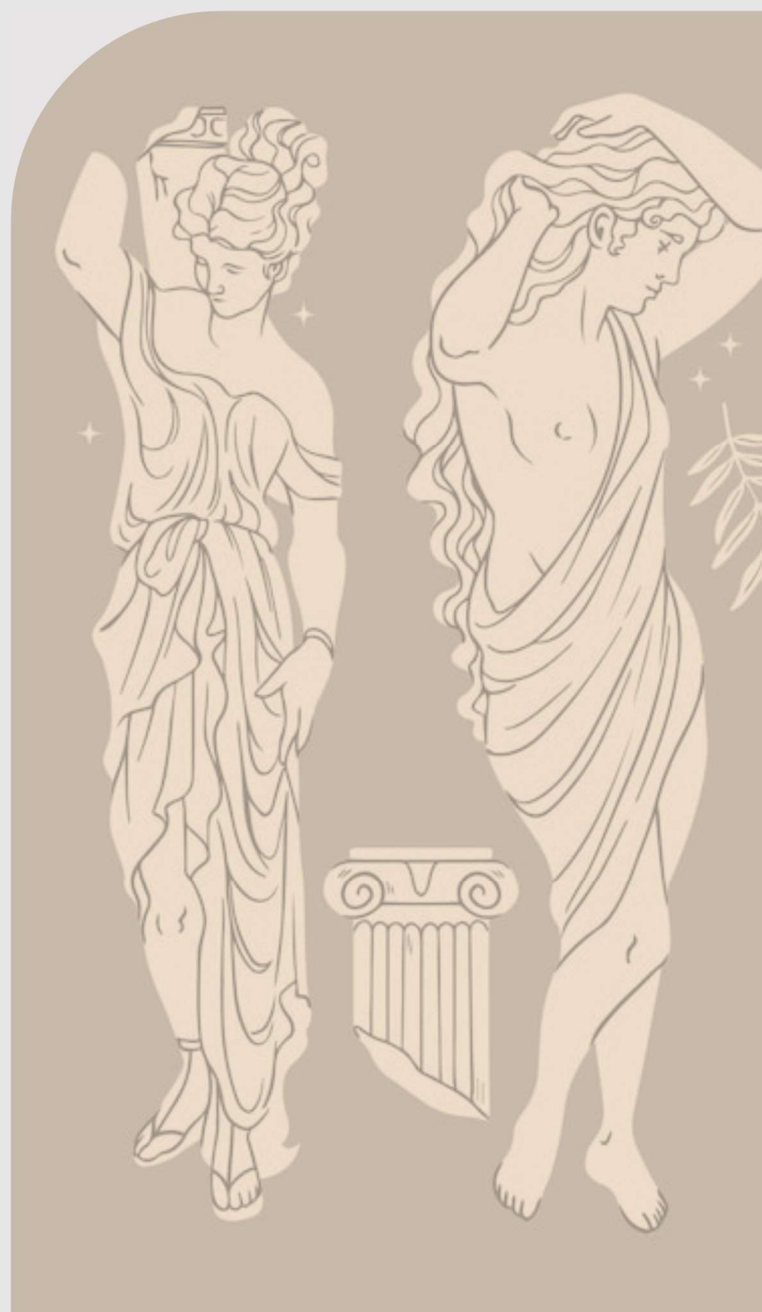


EDITORA
UEMASUL

Francisco de Assis Carvalho de Almada
Alfredo de Sousa Medrado Neto
(AUTORES)

EDUCAÇÃO
TRANSFORMA

FILOSOFIA



EDITORA
UEMASUL

2025

A445a Almada, Francisco de Assis

Apostila de filosofia / Francisco de Assis Carvalho de Almada, Alfredo de Sousa Medrado Neto – Apostila destinada para o Cursinho Popular da UEMASUL. - Imperatriz: EDUEMASUL, 2025.

83 p. : il. (Coleção Educação Transforma)

ISBN 978-65-89274-16-2

1. Filosofia na antiguidade. 2. Racionalismo clássico. 3. Filosofia contemporânea. I. Almada, Francisco de Assis Carvalho de. II. Medrado Neto, Alfredo de Sousa.

CDU 101

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**

Apostila aprovada para a publicação através do Edital nº 11/2023 destinada para o Cursinho Popular da UEMASUL.

Direitos autorais 2025 – Editora UEMASUL

Todos os direitos reservados à Editora UEMASUL é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

Projeto Gráfico Editora UEMASUL

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL – PROEXAE
COORDENADORIA DE SUSTENTABILIDADE E INTEGRAÇÃO SOCIAL - CSIS
DIVISÃO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – DIVEXT**

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO –
PIBEXT/UEMASUL (2023-2024)**

Reitora

Profa. Dra. Luciléa Ferreira Lopes
Gonçalves

Coordenação da Editora

Profa. Dra. Aichely Rodrigues da
Silva

Vice-reitora

Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de
Lima

Diagramação

Maria Eduarda da Silva Santos

**Pró-Reitor de Extensão e
Assistência Estudantil – PROEXAE**

José Milton Lopes Pinheiro

Capa

Gabriel Vieira Lima

Autores

Francisco de Assis Carvalho de
Almada

Alfredo de Sousa Medrado Neto

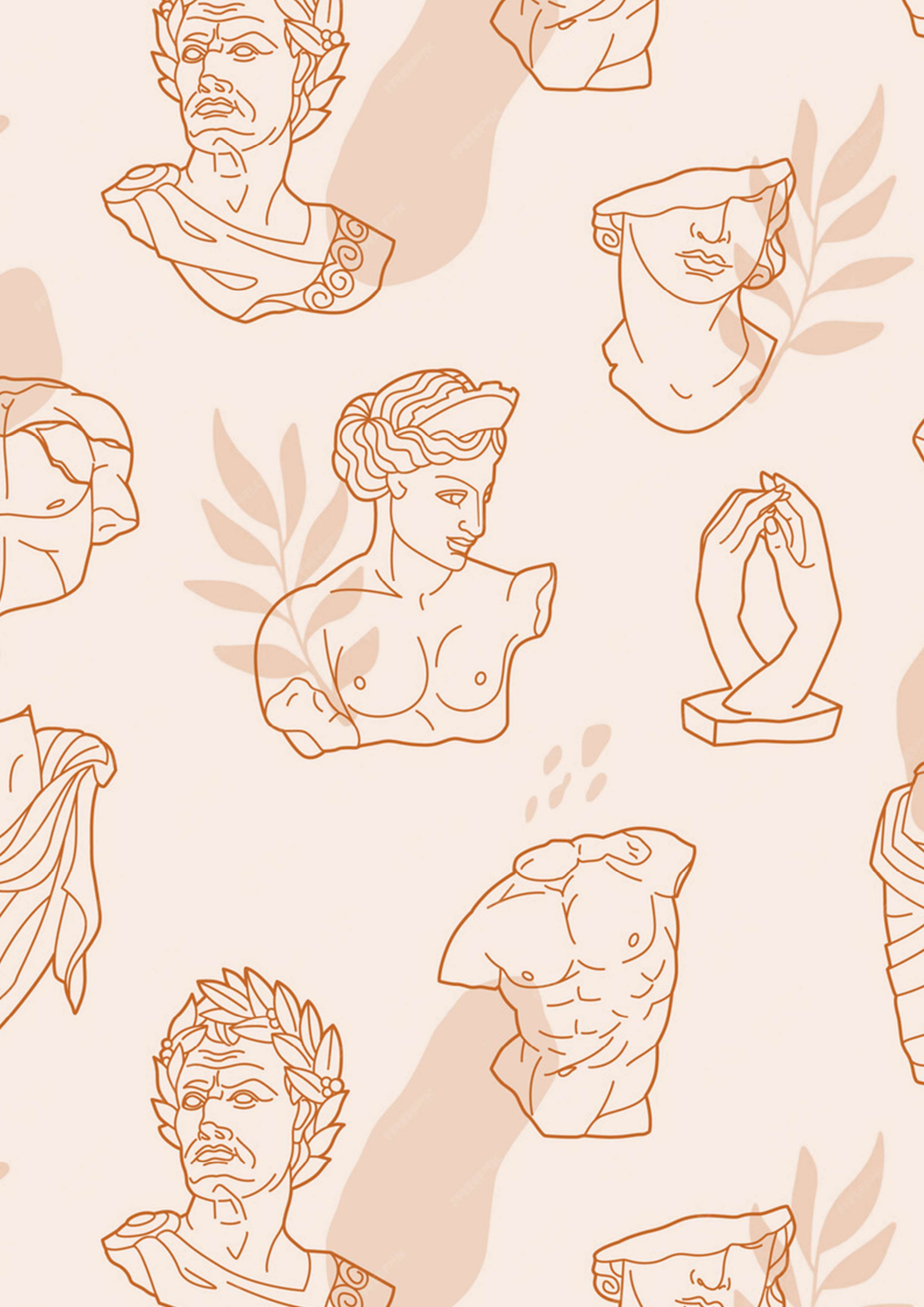


EDITORA
UEMASUL

2025

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
1 PALAVRAS INICIAIS: MAS, O QUE É FILOSOFIA?	8
2 A FILOSOFIA NA ANTIGUIDADE	15
2.1 O surgimento da Filosofia	16
2.2 Os pré-socráticos	19
2.3 Sofistas e socráticos: uma filosofia antropológica	24
2.3.1 Os sofistas	27
2.3.2 Os socráticos	30
2.4 Para refletir: filosofia e ironia	42
3 A FILOSOFIA MEDIEVAL	49
3.1 Santo Agostinho: a filosofia patrística	50
3.2 São Tomás de Aquino: a Escolástica	52
3.3 Para concluir o capítulo	54
4 A FILOSOFIA NA MODERNIDADE	59
4.1 A filosofia na renascença: a valorização do homem	60
4.2 O racionalismo clássico	62
4.3 A filosofia do iluminismo	64
5 A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA	67
5.1 O Positivismo	70
5.2 A fenomenologia	72
5.3 O Marxismo	74
6 PALAVRAS FINAIS: MAS, PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?	79
REFERÊNCIAS.....	81



APRESENTAÇÃO

Iniciamos a apresentação deste texto com a seguinte pergunta: “Será que você é o que é porque quis ser, ou será que é o que é porque alguém quis que você fosse?” Guarde suas respostas para o final deste estudo.

O objetivo deste texto é apresentar aos estudantes do Ensino Médio uma proposta de iniciação ao estudo de Filosofia. Pretendemos que seja um efetivo exercício de reflexão filosófica que possa auxiliar na compreensão do sentido da existência humana por meio dos questionamentos filosóficos.

E o que é Filosofia?

Não existe um conceito único para definir esse campo de conhecimento, mas podemos conceituar a Filosofia como um campo de conhecimento que nos permite refletir sobre o mundo que nos cerca de maneira profunda e coerente. E pensar de forma coerente não é só possível como necessário nos dias atuais onde somos, diuturnamente, bombardeados com pensamentos prontos dizendo como devemos pensar e agir. Diante disso, se não refletirmos sobre essas informações, correremos o risco de incorporá-las no nosso modo de agir e, conseqüentemente, nos tornaremos massa de manobra nas mãos de falsos profetas e falsos cientistas que se sentem donos da verdade.

O filósofo francês George Politzer define a Filosofia como “[...] uma concepção geral do mundo da qual decorre uma forma de agir” (*apud* Luckesi, 1994, p. 23). No mesmo sentido, o professor Cipriano Carlos Luckesi define a Filosofia como um corpo de conhecimento que nos permite entender o mundo e dar-lhe um sentido e um significado inteligível. “Conhecimentos estes que expressam o entendimento que se tem do mundo, a partir de desejos, anseios e aspirações” (Luckesi, 1994, p. 22). Então, se pensarmos de forma ingênua, agiremos de forma ingênua. Se deixarmos os outros pensar por nós, agiremos pelo pensamento – cabeça - dos outros e, conseqüentemente, seremos manipulados. E quando somos manipulados

faremos o que os outros querem, o que é bom para eles e não o que é bom para nós.

Assim sendo, conforme vimos, a Filosofia é um exercício reflexivo de pensamento que nos ajuda a entender o porquê das coisas, as pessoas e o meio em que vivemos. Portanto, não é um mero pensamento na base do achismo. O exercício do *pensar filosófico* sintetiza as aspirações que dão sentido ao nosso dia a dia, à nossa luta, ao nosso trabalho, às nossas ações. Segundo Luckesi (1994) e Chauí (2000) ninguém vive sem um sentido para o seu próprio viver. Sentido esse que é direcionado ao trabalho, aos estudos, às relações com as pessoas, ao amor, à amizade, à ciência, à política, à religião e ao lazer. Enfim, para tudo que fazemos e vivenciamos.

Quando crianças pensamos e agimos como crianças e, por isso, somos orientados e guiados pelos adultos. E isso é normal e necessário porque de acordo com o atual conceito de infância, a criança não tem maturidade para avaliar os riscos, compreender consequências ou fazer escolhas racionais. Mas quando nos tornamos adultos, profissionais, pais/mães, maridos/esposas, temos a obrigação de pensarmos por nós mesmos. Isso não significa que devemos ser radicais e não ouvir as pessoas e agirmos somente de acordo com nosso modo de pensar. Podemos e devemos ouvir as pessoas, mas quando se trata de decisões, questões pessoais o poder de decisão deve ser nosso.

Por fim, do ponto de vista de utilidade, a Filosofia é uma forma coerente de interpretar o mundo. E, em função disso, possibilita um modo também coerente, consequente e efetivo de agir no mundo (Luckesi, 1994). Mas, para que possamos alcançar esse sentido, como afirma Severino (2007), é preciso compreender, de maneira significativa, a nossa realidade atual, o mundo de nossa contemporaneidade, pois é nele que está se desdobrando a nossa existência. Por outro lado, isso não nos será possível sem acompanharmos a evolução histórica do desenvolvimento do psiquismo humano. Assim, para aprendermos o sentido de nosso mundo de hoje,

precisamos retomar e acompanhar o desdobramento da cultura humana no tempo histórico.

Nosso estudo está dividido em seis capítulos. No primeiro tratamos da parte introdutória onde buscamos elucidar alguns conceitos sobre a Filosofia e para que ela serve. No segundo capítulo apresentamos a *Filosofia Antiga*, que se inicia com os Pré-Socráticos, que vai do século VI a.C. e termina com o início da *Filosofia Clássica* no final do século IV a.C. com Sócrates. No terceiro capítulo tratamos da Filosofia Medieval que tem início no século V da Era Cristã e vai até o século XV. No quarto capítulo tratamos da Filosofia Moderna, que tem início no século XVI e termina no século XVIII. No quinto capítulo tratamos da Filosofia Contemporânea que iniciou no século XIX e chega até o momento atual. Por fim, no capítulo sexto, apresentamos as nossas considerações finais.

Os autores

1. PALAVRAS INICIAIS: MAS, O QUE É FILOSOFIA?

Acreditamos que todas as pessoas já ouviram falar sobre a palavra *Filosofia*. Mas, acreditamos, também, que poucas saibam que essa palavra significa *amigo da sabedoria*. A palavra Filosofia é composta de duas palavras gregas: *filia*, que significa amizade; e *sofia*, que significa sabedoria. A Filosofia é, portanto, amizade à sabedoria ou amor ao saber (Chauí, 2023). Assim, quando se parte da etimologia¹ da palavra, *Filosofia* significa o amor ao saber, a amizade profunda à sabedoria. E o *filósofo* é, então, o sujeito que tem especial apreço pela sabedoria, pelo saber e, conseqüentemente, pelo desejo de aprender.

A Filosofia surgiu da inquietação gerada pela curiosidade do ser humano em relação aos valores atribuídos às coisas e à realidade de modo geral. Inclusive, sobre sua própria realidade. Ao longo da trajetória da humanidade a Filosofia tem buscado encontrar respostas para os problemas da humanidade e, por mais difícil que seja encontrá-las, ela nunca desiste.

A Filosofia ocidental teve início na Grécia antiga no início do VI antes de Cristo. Antes desse período a realidade era marcada pelas explicações mitológicas e a Filosofia surge em oposição a essas explicações. Os mitos eram as formas mais primárias de compreensão da realidade. Tratava-se de um tipo de saber que era afetivo, coletivo e dogmático. Eles exerciam a função de atribuir sentido ao mundo, explicando a realidade e ordenando o caos.

A Filosofia surgiu em oposição às explicações fornecidas pelos mitos e pela busca de respostas racionais para os problemas existentes. Dessa forma, a Filosofia surge em oposição às visões mitológicas predominantes na época e passa a configurar-se como uma **reflexão racional** para explicação da existência humana e das coisas. A Filosofia, portanto, resultou de um processo lento, porém gradativo, de evolução do pensamento humano e teve

¹ **Você sabe o que é etimologia?** Etimologia é o estudo da origem histórica das palavras. De onde elas surgiram e como evoluíram ao longo dos anos até o momento atual (Viaro, 2014).

a contribuição de vários fatores sobre os quais falaremos mais adiante, na seção sobre as condições para o surgimento da Filosofia.

Segundo Luckesi (1994) a Filosofia é um corpo de conhecimento coerente e organizado de entendimento sobre a realidade. Conhecimentos estes que expressam o entendimento que temos do mundo, dos nossos desejos, dos nossos anseios e de nossas aspirações. A Filosofia é, então, um tipo de conhecimento que, quando nos apropriamos dele, somos capazes de refletir sobre a nossa realidade e a realidade do mundo ao nosso redor. Desde a realidade mais simples, como encontrar-nos com as pessoas, até a realidade mais complexa como o destino da humanidade.

Nesse sentido, podemos, então, indagar sobre o objeto de estudo da Filosofia. A resposta é que a Filosofia não se define pelo objeto que ela estuda, como as ciências de modo geral, mas pela forma de abordagem do objeto e pela reflexão sobre o objeto ora analisado.

E o que é reflexão? Por incrível que possa parecer, muita gente não sabe o que é reflexão. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento no qual o sujeito volta-se para si mesmo, é interrogar-se. Mas não é qualquer reflexão que pode ser definida como reflexão filosófica. A prática da reflexão filosófica nada mais é do que um movimento de volta do pensamento que o sujeito faz em busca de si, para conhecer-se a si mesmo, para indagar como é possível o próprio pensamento.

E quando uma reflexão pode ser chamada de *reflexão filosófica*? Segundo o filósofo e educador brasileiro, Dermeval Saviani (2000), uma reflexão só pode ser chamada de reflexão filosófica se ela for *radical, rigorosa e de conjunto*.

Radical: Para ser radical, a reflexão precisa ir às raízes do problema, investigar seus fundamentos. Radical em Filosofia não é pejorativo e nem intransigente, significa ir à busca pela compreensão profunda de uma questão ou conceito, indo à sua raiz (do latim *radix*, que significa "raiz"). Trata-se de uma abordagem que não se contenta com explicações superficiais ou parciais, mas procura explorar os fundamentos e os princípios básicos que

sustentam uma ideia, um problema ou uma realidade. A reflexão filosófica, portanto, não pode ser uma reflexão rasa, sem fundamentos e sem se sustentar diante de argumentos.

Rigorosa: Rigorosa, como o nome indica, vem de rigor. Assim, uma reflexão precisa ser sistematizada e apoiada no rigor de uma metodologia. Como garantia da primeira exigência, não se faz uma reflexão filosófica de qualquer jeito. Deve ser feita com rigor, colocando em questão as conclusões do senso comum e até mesmo as generalizações da própria ciência.

De conjunto: A Filosofia não tira conclusões isoladas. Assim, do mesmo modo como o problema deve ser analisado em profundidade deve, também, ser analisado em uma perspectiva de conjunto, em relação a outros elementos do contexto (Saviani, 2000).

A Professora Marilena Chauí, na obra *Convite à Filosofia* (2000) explica que a reflexão filosófica se organiza em torno de três grandes conjuntos de perguntas:

1- Por que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos e fazemos o que fazemos? Isto é, quais os **motivos**, as **razões** e as **causas** para pensarmos o que pensamos, dizermos o que dizemos, fazermos o que fazemos?

2- O que queremos pensar quando pensamos, o que queremos dizer quando falamos, o que queremos fazer quando agimos? Isto é, qual é o **conteúdo** ou o **sentido** do que pensamos, dizemos ou fazemos?

3- Para que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos, fazemos o que fazemos? Isto é, qual é a **intenção** ou a **finalidade** do que pensamos, dizemos e fazemos?

Chauí (2000) resume essas três questões em: O que é pensar? O que falar? O que é agir? Estas questões pressupõem a seguinte pergunta: nossas crenças cotidianas são ou não um saber verdadeiro, um conhecimento verdadeiro?

Pelo que vimos até aqui podemos deduzir que o método e a essência de investigação filosófica exigem uma **atitude filosófica** e uma **reflexão**

filosófica. Tanto a atitude filosófica quanto a reflexão filosófica iniciam-se com uma pergunta. Mas não qualquer pergunta, é sempre uma pergunta que exige uma resposta pensada, uma resposta não óbvia. O óbvio não exige reflexão profunda, mas a nossa vida não se resume à obviedade.

E o que são atitudes filosóficas e reflexões filosóficas? Quem melhor responde a estas perguntas é, também, a Professora Marilena Chauí. Para ela, a atitude filosófica se inicia a partir das seguintes indagações: O que é? Como é? Por que é? Indagações essas, sempre dirigidas ao mundo que nos rodeia e aos seres humanos que nele vivem e com ele se relacionam. São perguntas sobre a **essência**, a **significação**, a **estrutura** e a **origem** de todas as coisas. Portanto, não dá para viver, de forma digna, no mundo sem uma atitude filosófica (Chauí, 2000).

A atitude filosófica se completa com a reflexão filosófica e esta faz as seguintes indagações: O quê? Por quê? Para quê? Dirigindo-se ao pensamento, aos seres humanos no ato da reflexão. São perguntas sobre a **capacidade** e a **finalidade** humanas para **conhecer e agir**.

Mas é preciso esclarecer que a Filosofia não faz perguntas para encontrar respostas prontas, estabelecidas. Ela faz perguntas para questionar as respostas prontas, estabelecidas. As perguntas filosóficas não se realizam ao acaso, segundo nossas preferências e opiniões. Segundo Chauí (2000) a Filosofia não é pesquisa de opinião e nem achismos, mas para questionar opiniões e achismos. Entendemos, portanto, que a Filosofia não é pesquisa de mercado para conhecer preferências dos consumidores e montar uma propaganda, mas para questionar sobre até que ponto compramos um produto sem ter necessidade dele, apenas para ostentar o produto. É um questionamento extremamente útil que nos permite descobrir as teorias que temos sobre determinados assuntos e pessoas. Só é, realmente, livre quem conhece os fundamentos de suas teorias e porque pensa da forma como pensa (Chauí, 2000; Guareschi, 2008; Luckesi, 1994).

Já afirmamos que a reflexão filosófica se realiza de modo sistemático. Isso significa que a Filosofia trabalha com enunciados precisos, lógicos e

rigorosos, buscando os encadeamentos lógicos entre os enunciados; opera com conceitos e idéias obtidas por procedimentos rigorosos – que exigem fundamentos racionais sobre o que é enunciado e pensado. Somente assim a reflexão filosófica pode fazer com que nossa experiência cotidiana, nossas crenças e nossas opiniões alcancem uma visão crítica de si mesmas. Não se trata de dizer “eu acho que”, “eu ouvi dizer que”, “todo mundo fala que”.

Até aqui falamos de reflexão filosófica, agora vamos esclarecer o que é conhecimento filosófico ou o que é Filosofia. Você deve estar se perguntando: e não são a mesma coisa? Não, embora estejam interligados e complementares, cada um possui características próprias.

De acordo com Fachin (2003) e Luckesi (1994) o conhecimento filosófico resulta de um trabalho intelectual e de um esforço racional, sistemático e lógico dos sujeitos sem recorrer à experimentação. Para Luckesi (1994) a verdadeira compreensão do que vem a ser o conhecimento filosófico implica assumi-lo como uma forma de entendimento da realidade que coloque nas mãos do ser humano uma orientação, um direcionamento para a sua ação. Essa orientação e direcionamento são fundamentais para todos os indivíduos que desejam encontrar um sentido e um significado para o seu agir. No mesmo sentido, Fachin (2003, p. 7) afirma que o “[...] conhecimento filosófico conduz à reflexão crítica sobre os fenômenos e possibilita informações coerentes. Seu objetivo é o desenvolvimento funcional da mente, procurando educar o raciocínio”. Pelo posicionamento dos dois autores acima citados, no conhecimento filosófico, é a razão que permite a coordenação, a análise e a síntese em uma visão clara e ordenada da realidade.

Resumindo, podemos afirmar que o conhecimento filosófico é um tipo de conhecimento onde o sujeito usa o questionamento como base, como fundamento. Ele é um conhecimento do dia a dia, mas ao contrário do conhecimento popular, se preocupa em questionar o relacionamento do indivíduo com o meio em que está inserido.

Agora que sabemos o que é Filosofia e para que ela serve, vamos dar um passo à frente e ver quando ela surgiu, como ela surgiu, onde surgiu e em que condições ela surgiu e quem foram os primeiros filósofos e o que eles pensavam.

Exercícios/Atividades

Após a leitura deste capítulo produza um texto respondendo as perguntas abaixo, mas sem que elas apareçam no texto.

- 1) O que é Filosofia e qual a diferença entre Mito e Filosofia?
- 2) Como deve ser uma reflexão filosófica?
- 3) Qual a diferença entre reflexão filosófica e conhecimento filosófico?
- 4) Como se organiza uma reflexão filosófica, segundo a Professora Marilena Chauí?
- 5) De que resulta o conhecimento filosófico?

2. A FILOSOFIA NA ANTIGUIDADE

Com base em Marcondes (2016a; 2016b) e Chauí (2000), constatamos que a Filosofia surgiu no final do século VII e início do século VI antes de Cristo, na Ásia Menor, na região de Jônia, onde ficava a cidade de Mileto. Hoje a região pertence à Turquia, mas na época era território grego. E o primeiro filósofo foi Tales de Mileto.

Para entendermos a história da Filosofia os estudiosos a dividiram em dois grandes períodos: o período **Pré-Socrático** e o período **Socrático**.

O primeiro período refere-se a Filosofia desenvolvida pelos filósofos que vieram antes de Sócrates e o segundo refere-se à Filosofia desenvolvida por Sócrates e seus discípulos, mas ambas foram desenvolvidas na Grécia antiga e, praticamente, no mesmo período. Como alguns dos Pré-Socráticos viveram na mesma época dos Socráticos, a principal diferenciação entre uma filosofia e outra é a reflexão que eles desenvolveram. Os Pré-Socráticos desenvolveram uma reflexão voltada para a **natureza**, para o cosmos² e por isso, foi chamada de reflexão cosmológica. Enquanto que a reflexão desenvolvida pelos Socráticos era voltada para o homem/mulher, por isso foi chamada de filosofia antropológica.

Imbuídos de uma preocupação com o mundo ao seu redor, os Pré-Socráticos faziam suas indagações filosóficas em busca de compreensão da realidade circundante. Por exemplo, porque os seres nascem e morrem? Porque seres semelhantes dão origem a seres semelhantes? Mas se preocupavam, também, com as oposições como o dia proceder à noite; o inverno à primavera.

² **Você sabe o que é cosmos?** O cosmo é a totalidade de todas as coisas do universo ordenado, desde as estrelas, até as partículas subatômicas. Pode ser estudado na Cosmologia (Hawking, 2015).

2.1 O surgimento da Filosofia

Antes do surgimento da Filosofia, os mitos eram as principais formas de explicar a origem do mundo, os fenômenos naturais e a própria condição humana. Eles ofereciam narrativas carregadas de simbolismo, envolvendo deuses, heróis e forças sobrenaturais para dar sentido à realidade. Eles desempenharam um papel fundamental na transição do pensamento mítico para o racional na filosofia pré-socrática, pois foi a partir deles que os primeiros filósofos começaram a explorar o mundo de maneira mais sistemática e crítica (Chauí, 2000; Marcondes, 2016b).

Em forma de narrativas, os mitos falam de deuses, heróis de outros tempos e, dessa forma, misturavam a sabedoria e os procedimentos práticos do trabalho e da vida com a religião e as crenças mais antigas. Contudo, uma nova forma de pensar foi se formando e a vida na pólis passou a ser cada vez mais direcionada pela política e, aos poucos, a força das narrativas mitológicas foi sendo substituída pela ética e pela lógica de vida da cidadania grega. Assim, cada vez mais o cidadão grego começa a desenvolver a ideia de controlar a própria vida. Na vida da *pólis*³, os homens livres manifestaram suas posições escolhendo entre iguais o direcionamento das decisões e das ações da cidade-estado.

Feitas essas explicações passamos, então, a explicar como a Filosofia surgiu e quais os fatores que contribuíram para o seu surgimento e desenvolvimento. Para construir esta sessão buscamos fundamentos na obra *Convite à Filosofia* de autoria da professora Marilena Chauí, cujas referências encontram-se no final deste livro. Foram vários fatores de natureza econômica, social, política e histórica que contribuíram para o surgimento da Filosofia na Grécia antiga. Entre estes fatores destacam-se as viagens

³ **Você sabe o que é polis?** Na Grécia antiga a pólis apresentava-se como uma comunidade humana composta por cidadãos, abrangendo um núcleo urbano e o território em seu entorno. A ideia de pólis envolvia a comunidade de cidadãos organizada em torno de um conjunto de leis, práticas e instituições.

A deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que guiavam o poeta (Chauí, 2000).

marítimas, a invenção do calendário, a invenção da moeda, o surgimento da vida urbana, o surgimento da escrita alfabética, o surgimento da política.

As viagens marítimas permitiram desmistificar grande parte das verdades da época. Os navegantes descobriram que os locais onde os mitos diziam serem habitados pelos deuses, na verdade eram habitados por seres humanos. Ou seja, não possuíam monstros e nem seres fabulosos. Assim, explicações mitológicas, aos poucos, passaram a dar lugar às explicações racionais.

A invenção do calendário permitiu a percepção do tempo como algo natural e não como um poder divino incompreensível.

A invenção da moeda contribuiu de maneira profunda na organização social, econômica e cultural das sociedades antigas. Transformou, sobretudo, a forma como os indivíduos pensavam sobre valor, troca, justiça, moralidade e o papel do Estado. Essas transformações contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento e, conseqüentemente, da Filosofia.

O surgimento da vida urbana com predomínio do comércio e fabricação de objetos de forma artesanal, permitindo o aperfeiçoamento das técnicas de fabricação e de troca. Esse processo diminuiu o prestígio das famílias da aristocracia proprietária de terras, por quem e para quem os mitos foram criados. Permitiu, também, o surgimento de uma classe de comerciantes ricos, que precisava encontrar pontos de poder e de prestígio para suplantar o velho poderio da aristocracia de terras e de sangue, fez com que se procurasse o prestígio pelo patrocínio e estímulo às artes, às técnicas e aos conhecimentos, favorecendo um ambiente onde a Filosofia poderia surgir, o surgimento da escrita alfabética, a invenção da política.

A invenção da escrita alfabética que, juntamente com as invenções anteriores, contribuiu de forma bastante significativa com o desenvolvimento do conhecimento. Além disso, a escrita alfabética, diferentemente das formas anteriores de escrita, não precisa de imagens das coisas que estão sendo ditas, descritas e comunicadas.

A **invenção da política** foi outro elemento, também, fundamental ao introduzir três aspectos novos e decisivos para o nascimento da Filosofia. O primeiro foi a **ideia da lei** como expressão da organização sociedade da época determinando o que era importante para a cidade – *polis*. As leis serviram de modelo para a Filosofia que passou a debruçar-se sobre como o mundo deveria ser ordenado.

O segundo foi o **surgimento de um espaço público** e, com ele, segundo Chauí (2000), um novo tipo de palavra ou de discurso, diferente daquele que era proferido pelo mito. Neste, o mito, um poeta-vidente, recebia das deusas ligadas à memória⁴, uma iluminação misteriosa ou uma revelação sobrenatural, dizia aos homens quais eram as decisões dos deuses que eles deveriam obedecer.

Agora, com a criação da política - *a polis*, isto é, a cidade política - surge a palavra como direito de cada cidadão de emitir em público sua opinião, discuti-la com os outros, persuadi-los a tomar uma decisão proposta por ele, de tal modo que surge o discurso político como a palavra humana compartilhada, como diálogo, discussão e deliberação humana, isto é, como decisão racional e exposição dos motivos ou das razões para fazer ou não fazer alguma coisa (Marcondes, 2016b). Assim, a política, valorizando o humano, o pensamento, a discussão, a persuasão e a decisão racional, valorizou o pensamento racional e criou condições para que surgisse o discurso ou a palavra filosófica.

O terceiro foi o **estímulo a um pensamento e um discurso** não formulado por seitas secretas dos iniciados em mistérios sagrados, mas por homens comuns, não dotados de poderes sobrenaturais e sim de capacidade racional. Isso trouxe um discurso onde todos poderiam compreender, concordar ou discordar e, também, transmitir aos demais. Isso foi fundamental ao surgimento da Filosofia.

⁴ A deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que guiavam o poeta (Chauí, 2000).

Resumindo, podemos afirmar que a Filosofia nasceu a partir de uma nova ordem do pensamento. Ordem essa, complementar aos mitos, que eram a forma de pensar dos gregos. Os mitos cumpriam uma função social moralizante de tal forma que suas narrativas ocupavam o imaginário dos cidadãos da sociedade grega direcionando suas condutas. A Filosofia foi, portanto, uma nova visão de mundo que se formou de um conjunto de narrativas transmitidas de geração em geração, por séculos, sobre as coisas e origem das coisas.

2.2 Os pré-socráticos

Os filósofos pré-socráticos foram os primeiros pensadores a romper com as explicações mitológicas da época, no período que foi do século VI ao século V antes de Cristo. Eles procuraram explicar a natureza e a realidade de forma racional e lógica. Ou seja, tentaram descobrir, com base na razão – que é o *Logos*⁵ - e não na mitologia, o princípio substancial - *arché*, em grego - existente em todos os seres materiais. Ou seja, pretendiam encontrar a *matéria-prima* de que eram feitas todas as coisas.

Sistematicamente, os pré-socráticos procuravam explicar o universo – o cosmos - de forma racional e não mais pelas explicações mitológicas.

Vale esclarecer que em função de os pré-socráticos estudarem o cosmos, sua Filosofia foi denominada de **cosmologia**. Ou filosofia cosmológica.

A maior dificuldade para entender a Filosofia pré-socrática é porque a maioria de seus filósofos não registravam suas experiências. Além disso, muitos dos escritos da Filosofia pré-socrática foram perdidos. Portanto, quase tudo do que sabemos da Filosofia desse período vêm de fragmentos e citações feitas por outros filósofos de outras épocas (Marcondes, 2016b).

⁵ **Você sabe o que é logos?** A palavra grega "logos" tem significado amplo e foi utilizada, ao longo da história da filosofia, de diversas maneiras, pode ser considerada tanto um primeiro conceito filosófico para razão quanto um princípio de ordem e beleza universal, de acordo com o período e filósofo que a empregou (Spinelli, 2006).

Quais foram os principais filósofos pré-socráticos e a definição dos que eles entendiam como *arché*?

Tales de Mileto (623-546 a.C.). Tales de Mileto foi considerado por Sócrates como o primeiro filósofo do Ocidente em função de ter sido o primeiro a utilizar a razão para explicar o universo, a sua origem e tudo que nele existe. Para Tales, a *arché* era a água e tudo que era umidade. Para ele, a água, por permanecer, basicamente, a mesma em todas as transformações dos corpos, apesar de assumir diferentes estados - sólido, líquido e gasoso - seria a substância primordial, a origem única de todas as coisas, presente em tudo o que existe.

Como princípio vital, a água penetrava todas as coisas e tudo seria *animado* por ela, de tal modo que tudo teria alma - *anima* ou *psyché*. Por isso, tudo seria divino, não havendo separação entre o sagrado e o não sagrado. O universo seria uno e homogêneo. Apesar da simplicidade da afirmação de Tales a respeito da água, pela primeira vez, tentava-se explicar a multiplicidade da realidade, empregando um elemento natural e concreto, visível para todos.

O pensamento de Tales deu origem ao **monismo**, que é a doutrina que considera o mundo sendo regido por um princípio fundamental único. Isto é, que considera que tudo o que existe pode ser reduzido a um princípio único ou realidade fundamental.

Anaximandro de Mileto (610-547 a.C.). Anaximandro foi discípulo de Tales, aprofundou os conhecimentos de seu mestre e desenvolveu estudos nas áreas de geometria, geografia e astronomia. Para ele, a *arché* era além dos limites observáveis. Ou seja, que não se situa em uma realidade ao alcance dos sentidos. Por isso sua *arché* era o *ápeiron*, indeterminado, ilimitado, infinito. O *ápeiron* é algo abstrato, não podendo ser conhecido em termos de existência sensível. Sendo concebível apenas pelo pensamento.

O *ápeiron* seria a *massa geradora* dos seres e do cosmo, contendo em si todos os elementos opostos. Segundo sua explicação, por diversos processos naturais de diferenciação entre contrários - por exemplo, frio e

calor - e de evaporação teriam surgido o Céu e a Terra, bem como os animais, em uma sucessão evolutiva que faz lembrar a bem posterior teoria da evolução das espécies no século XIX.

Anaxímenes de Mileto (588-524 a.C.). Anaxímenes foi discípulo de Anaximandro. Concordava que a origem de todas as coisas é indeterminada. Entretanto, recusou-se a atribuir a essa indeterminação o caráter de *arché*. Para ele, esta não poderia ser um elemento situado fora dos limites da observação e da experiência sensível, como o *ápeiron* de Anaximandro.

Discordando de alguns aspectos do pensamento de Tales de Mileto e de Anaximandro, e buscando sintetizar os dois posicionamentos, incorporou o pensamento dos dois e definiu o ar como princípio de todas as coisas.

O ar seria um elemento mais sutil que a água, quase impossível de ser observado, mas responsável pela nossa vida, como testemunha de nossa respiração. Infinito e ilimitado, penetrando todos os vazios do universo, o ar constituiria uma *arché* mais determinada que o *ápeiron*. Também seria um princípio ativo, gerador de movimento, como nos ventos.

Pelos processos de rarefação e condensação do ar se formariam a terra, a água e o fogo e, a partir destes, todos os demais. Nascido do ar, e movido por ele, o cosmo seria uma espécie de respiração gigante.

Pitágoras de Samos (570-490 a.C.). Pitágoras foi um profundo estudioso da matemática e defendeu a tese de que todas as coisas são números. Dizia que a *arché* eram os números. A natureza era feita por um sistema de relações e proporções matemáticas. Tudo que existe pode ser quantificado e contabilizado em números. Portanto, os números, as proporções harmoniosas entre as coisas é que regiam o universo.

A tese de Pitágoras começou a ganhar força quando ele percebeu que a harmonia dos acordes musicais correspondia a certas proporções aritméticas. Supôs, então, que as mesmas relações se encontrariam na natureza. Unindo essa percepção aos seus conhecimentos de astronomia,

defendeu a ideia de um cosmo harmônico, regido por relações matemáticas, o que denominamos *Teoria das formas das esferas*.

Heráclito de Éfeso (535-475 a.C.). Heráclito é o autor da famosa frase “Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”. Ele dizia que tudo fluía, nada permanecia o mesmo. O universo muda e se transforma infinitamente a cada instante. Sem a transformação da natureza – a *physis* – não existiria. Mas radicalizou essa afirmação, conferindo papel essencial a esse conflito em sua cosmologia. Assim, afirmava que a luta é a mãe, rainha e princípio de todas as coisas. É pela luta das forças opostas que o mundo se modifica e evolui. Essa constante transformação da natureza é chamada de *deivir*, e o constante fluxo da vida é impulsionado, exatamente, pelo constante jogo de forças contrárias: a ordem e a desordem, o bem e o mal, o feio e o belo, a justiça e a injustiça, o racional e irracional e assim por diante.

Heráclito imaginou que, se devia haver um elemento primordial da natureza, este seria o fogo, com chamas vivas e eternas, governando o constante movimento dos seres. Este mundo, que é o mesmo para todos, não foi feito pelos deuses ou pelos homens. Mas foi sempre, e será um fogo eternamente vivo, que se acende com medida e se apaga com medida.

É pelo fogo que tudo se transforma. Se a água perde calor, se solidifica; se ganha calor, evapora.

A medida desse acender e apagar do fogo seria determinada pelo *Logos* que, para Heráclito, era a razão criadora e unificadora das tensões opostas, a razão-discurso do filósofo.

Pela importância que deu ao movimento, a escola heraclitiana de pensamento é chamada de mobilista. Apesar de não ter sido muito bem visto entre seus contemporâneos e estudiosos posteriores, Heráclito é considerado um dos mais destacados filósofos pré-socráticos e o primeiro grande representante do pensamento dialético.

Parmênides de Eléia (510-470 a.C.). Parmênides afirmava que o “O ser é, o não ser não é”. O SER é a *arché* de Parmênides. O ser é tudo que existe, é a essência da natureza. Tudo que existe na natureza é um ser e o ser é

atemporal, uniforme e indestrutível. E o não ser não existe. Para Parmênides, aquilo que muda é o não ser – o que não existe. Pois, mudar é não ser exatamente aquilo que era e tornar-se aquilo que ainda não é. Não sendo, portanto, absolutamente nada. Parmênides se opõe ao imobilismo, que era defendido por Heráclito. Para ele, a mudança que observamos nas coisas são apenas aparências - erros da nossa percepção. Pois o que é real é imutável porque a essência das coisas é imutável e imóvel. Todo ser possui uma essência, que é imutável e uma aparência, que é mutável. A essência das coisas se conhece através da verdade (*Aletheia*). E a aparência se conhece através da opinião (Doxa).

Resumidamente, o ser das coisas é o princípio fundamental. Tudo que existe possui o “ser” dentro de si. Tudo que existe, que é o “ser,” possui o “ser” dentro de si, falado e pensado. O que não existe, não pode ser pensado e nem falado.

Parmênides caracterizava o movimento como apenas aparente, como aspecto superficial das coisas.

Empédocles de Agrigento (490-430 a.C.). Além de filósofo, Empédocles foi médico, professor, místico e poeta. Foi, também, um grande defensor da democracia. Defendeu a teoria da evolução dos seres vivos e é considerado o primeiro sanitarista da história. Buscou conciliar as concepções de Parmênides e Heráclito, aceitando a existência e permanência do ser, e ao mesmo tempo validar os dados captados pelos sentidos de acordo com a razão.

Defendeu a existência de quatro elementos primordiais, que constituem as raízes de todas as coisas percebidas: o *fogo*, a *terra*, a *água* e o *ar*. Esses elementos seriam movidos e misturados de diferentes maneiras em função de dois princípios universais opostos: o amor e o ódio. O Amor (*philia*) seria responsável pela força de atração e união e pelo movimento de crescente harmonização das coisas. O Ódio (*neikos*), seria responsável pela força de repulsão e desagregação e pelo movimento de decadência, dissolução e separação das coisas.

Segundo Empédocles, todas as coisas existentes na realidade estão submetidas às forças cíclicas desses dois princípios.

Demócrito de Abdera (460-370 a.C.). Demócrito foi responsável pelo desenvolvimento de uma doutrina filosófica que ficou conhecida como **atomismo**.

Aproximando-se da concepção físico-química e moderna da realidade, ele dizia que todas as coisas que formam a realidade são constituídas por minúsculas partículas invisíveis e indivisíveis, denominadas por átomos⁶. Segundo Demócrito, toda a realidade é composta também do vazio, que representa a ausência de ser - o não ser. E é o vazio que torna possível o movimento do ser, que é o movimento dos átomos, segundo a teoria atomista. Sem espaço vazio, portanto, nenhuma coisa poderia se mover.

Em sua doutrina, que é o atomismo, Demócrito buscou explicar toda a realidade a partir dos átomos, da matéria e de seus movimentos. Ele entendia a realidade como uma sucessão dos acontecimentos natural e necessária, mas que ocorreria ao acaso, no sentido de que não teria um projeto ou finalidade, portanto não define nada, apenas funciona de acordo com as leis físicas. Nessa perspectiva, o ser humano não tinha poder de mudar muita coisa, uma vez que as leis físicas precipitaram os acontecimentos.

2.3 Sofistas e socráticos: uma filosofia antropológica

Nesta seção apresentaremos a Filosofia sofista e a socrática. Precisamos esclarecer que essas filosofias foram desenvolvidas, praticamente, ao mesmo tempo. Para Chauí (2000) e Marcondes (2016a; 2016b) tanto a Filosofia sofista quanto a socrática podem ser definidas como uma filosofia antropológica porque, ao contrário dos pré-socráticos, que se

⁶ **Você sabe o que é átomo?** O átomo é a partícula fundamental que compõe a matéria. Possui duas estruturas: o núcleo, no qual ficam os prótons e nêutrons, e a eletrosfera, na qual estão os elétrons. Os átomos são as partículas constituintes da matéria. Átomo é a partícula que constitui a matéria, ou seja, é tudo aquilo que possui massa e volume. Palavra de origem grega que significa "não divisível" (a = negação; tomo = parte, divisão) (Eisberg, 1979).

preocupavam com questões do cosmos/universo e das coisas relacionadas a ele. Os sofistas e os socráticos se preocuparam com os homens e as questões relacionadas a eles.

Para entender a relevância dos sofistas e dos socráticos, é essencial conhecer o contexto no qual eles surgiram e desenvolver suas reflexões. Vale esclarecer que embora os problemas humanos estivessem no centro da reflexão filosófica de sofistas e socráticos eles trouxeram diferentes abordagens para seus questionamentos. Os sofistas eram bastante pragmáticos e defendiam o relativismo, valorizando a retórica persuasiva e o sucesso social e político. Acreditavam que o conhecimento era subjetivo e variável, adaptando-se ao contexto e às crenças individuais. No entanto, eles eram bastante persuasivos e suas práticas estavam ligadas ao contexto democrático da pólis, onde a habilidade de falar bem em público era essencial para a vida política daquela época.

A Filosofia socrática, por sua vez, buscava a verdade absoluta por meio do questionamento e da reflexão, enfatizando a ética e a busca pela virtude. Acreditava no conhecimento objetivo e universal.

O contexto e o cenário para o surgimento da Filosofia antropológica foi no século V, antes de Cristo, na Grécia antiga. Este século foi conhecido como o Século de Péricles, um período de esplendor, com o desenvolvimento das cidades, do comércio, do artesanato e das artes militares. Atenas tornou-se o centro da vida social, política e cultural da Grécia.

Foi a época de maior florescimento da democracia no mundo antigo, especialmente na Grécia. A democracia grega possuía, entre outras, duas características de grande importância para o futuro da Filosofia. A primeira característica refere-se ao estabelecimento de um sistema que afirmava a igualdade de todos os homens adultos perante as leis e, igualmente, o direito de todos de participar diretamente do governo da cidade, da *polis*. A segunda característica, como consequência da primeira, defendia que a democracia deveria ser exercida de forma direta e não de forma indireta por representantes eleitos. Ou seja, defendia que todos tivessem participação no

governo, expondo, discutindo e defendendo, em público, suas opiniões sobre as decisões que deveria tomar em relação à cidade. Surgia, assim, a figura política do cidadão⁷ (Chauí, 2000). Para conseguir que a sua opinião fosse aceita nas assembleias, o cidadão precisava saber falar e ser capaz de persuadir. Com isso, houve uma profunda mudança na educação grega.

Antes da instauração da democracia o poder era exercido pelas famílias aristocráticas, donas das terras e senhoras do poder. Essas famílias, com base nos ensinamentos de dois grandes poetas gregos, Homero e Hesíodo, criaram um padrão de educação, próprio dos aristocratas. Esse padrão afirmava que o homem ideal ou perfeito era o guerreiro *belo e bom*. Belo, porque seu corpo era esculpido pela ginástica, pela dança e pelos jogos de guerra imitando os heróis da guerra de Tróia⁸. Bom, porque seu espírito era formado escutando Homero e Hesíodo, aprendendo as virtudes admiradas pelos deuses e praticadas pelos heróis. A principal delas sendo a coragem diante da morte, na guerra. A virtude era a excelência e superioridade – a *Areté* - própria dos melhores, os *aristoi*. *Aristoi* está na origem da palavra aristocracia e significa o *melhor*, os mais nobres na sociedade grega antiga.

Quando, porém, a democracia se instala e o poder vai sendo retirado dos aristocratas, esse ideal educativo ou pedagógico também vai sendo substituído por outro. O ideal da educação do Século de Péricles é a formação do cidadão. A *Areté* é a virtude cívica (Chauí, 2000, p. 42, grifo da autora).

Qual é o momento em que o cidadão mais aparece e mais exerce sua cidadania? Quando opina, discute, delibera e vota nas assembleias. Sabemos que os poderosos têm medo do pensamento lógico, porque o poder de quem pensa de forma lógica é mais difícil de ser vencido. E quem pensa de forma lógica é mais difícil de ser persuadido, [com]vencido. Se todo mundo aceitar as coisas como as pessoas dizem como elas são, fica fácil para os

⁷ “Devemos observar que estavam excluídos da cidadania o que os gregos chamavam de dependentes: mulheres, escravos, crianças e velhos. Também estavam excluídos os estrangeiros” (Chauí, 2000, p. 42).

⁸ Sobre a Guerra de Tróia e seus heróis (Aquiles, Heitor, Ajax e Ulisses) veja mais em: Moreno, 2023.

proveitadores e manipuladores. Fica claro, então, porque os governos ditatoriais são contrários à democracia e a todo e qualquer estudo que permita o desenvolvimento da capacidade de pensar.

Assim, uma vez instalada a democracia na Grécia, a nova educação grega estabelece como padrão ideal a formação do bom orador, isto é, aquele que saiba falar em público e persuadir os outros na política.

Para educar os jovens dessa época, substituindo a educação antiga dos poetas, surgiram os **sofistas**, que são os primeiros filósofos do período socrático.

2.3.1 Os sofistas

Os sofistas eram filósofos e professores que viajavam de cidade em cidade, realizando apresentações públicas para atrair estudantes, cobrando taxas em troca de seus conhecimentos. O principal objetivo de suas aulas era desenvolver estratégias de argumentação. A primeira atitude dos sofistas foi criticar os ensinamentos dos filósofos cosmologistas – pré-socráticos. Diziam que eles estavam repletos de erros e contradições e que não tinham utilidade para a vida da *polis*. Apresentavam-se como mestres de *oratória* ou de *retórica*⁹, afirmando ser possível ensinar aos jovens tal *arte* para que fossem bons cidadãos.

A arte a que eles se referiam era a persuasão. Os sofistas ensinavam técnicas de persuasão para os jovens, que aprendiam a defender uma posição ou opinião *inicial*, depois a posição ou opinião contrária à posição ou opinião *inicial*, de modo que, numa assembleia, tivessem fortes argumentos a favor ou contra uma opinião e ganhassem a discussão.

⁹ **Você sabe o que é oratória e retórica?** São quase a mesma coisa. **Oratória** é a arte de falar em público de maneira eficaz e persuasiva. Envolve o desenvolvimento de habilidades de comunicação verbal, principalmente, para transmitir uma mensagem de forma clara e convincente. **Retórica** é a arte ou técnica de bem falar. Ou seja, é a arte de usar uma linguagem para comunicar de forma eficaz e persuasiva (Perelman, 2014).

Os sofistas perceberam que os valores humanos não eram *naturais*, mas resultado das próprias convenções humanas, que variam de cada povo e agrupamento de pessoas. Deste modo, negavam a existência de uma única verdade. Segundo eles, só existem opiniões, boas ou más, melhores ou piores, úteis ou prejudiciais, mas jamais falsas ou verdadeiras.

Os sofistas mais importantes foram: Protágoras de Abdera, Górgias de Leontini e Isócrates de Atenas.

Protágoras de Abdera (480-411 a.C.) é considerado o primeiro e um dos mais importantes sofistas da Grécia Antiga. A base de sua filosofia pode ser sintetizada em sua frase: “O homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são, enquanto são, e daquelas que não são, enquanto não são.” A *medida*, a que ele se refere, significa o juízo que fazemos sobre a realidade, e as *coisas* são os fatos e experiências.

Isso significa que, para Protágoras, cada homem é resultado do juízo que faz de suas próprias experiências, e as coisas são como cada pessoa interpreta. Segundo ele, o modo como cada coisa se apresenta para mim, assim ela é para mim, tal como ela se apresenta para você, assim ela é para você. Deste modo, ele nega a ideia de um critério absoluto para distinguir o ser do não ser. O critério para a diferenciação torna-se o homem, cada homem especificamente.

Se o vento que sopra é frio ou quente depende de cada pessoa. Algumas vão sentir frio e outras calor, assim ninguém estará errado, pois a verdade está em cada um, como ele julga sua própria experiência. As coisas que experimentamos, conhecemos de modo particular e muito pessoal, relativo a cada indivíduo, o que vai contra a proposta de alcançar um conceito absoluto para cada coisa.

Se o homem é a medida de todas as coisas, então alguma coisa pode ser medida para todos os homens. As leis, as regras, a cultura, devem ser definidos por um conjunto de pessoas. Não existe uma verdade absoluta, assim como não existem padrões morais absolutos. Cada coisa é para cada indivíduo, numa determinada situação. A pessoa sábia é aquela que consegue

distinguir o que é mais vantajoso e decente para cada situação, convencendo os outros a reconhecer essa qualidade fazendo com que eles a ponham em prática.

Górgias de Leontini (485-380 a.C.) nasceu em Leontinos, uma colônia grega na Sicília. Fez parte da primeira geração dos sofistas, juntamente com Protágoras de Abdera, e ficou conhecido como o *niilista*¹⁰, por pensar que não há um fundamento absoluto para a verdade.

Mudou-se de cidade diversas vezes, ensinando retórica nos grandes centros das cidades que passava. Foi responsável por transmitir a retórica para a Ática¹¹, próxima do Mar Egeu, contribuindo com a difusão do dialeto ático. Quando estava próximo dos 60 anos, ele se mudou para Atenas, se fixando por lá, provavelmente devido à sua popularidade e dos benefícios financeiros que recebeu por suas apresentações e aulas.

Divulgou a retórica para a Ática, próxima do Mar Egeu, contribuindo com a difusão do dialeto ático. Quando estava próximo dos 60 anos, ele se mudou para Atenas, se fixando por lá, provavelmente devido à sua popularidade e dos benefícios financeiros que recebeu por suas apresentações e aulas. Inovou a retórica incluindo nela o pensamento paradoxal e a expressão paradoxal - o que fez com que fosse apelidado de o pai da sofística.

Górgias não acreditava na existência de uma ciência real, para ele é impossível saber o que existe verdadeiramente e o que não existe. Segundo ele, nada existe, pois nem o ser e nem o não-ser são dados da experiência.

¹⁰ **Você sabe o que é niilismo?** Niilismo é uma doutrina filosófica que indica pessimismo e ceticismo extremos perante a realidade ou valores humanos. Num sentido amplo, o niilismo consiste numa atitude de negação ou descrença absoluta em relação a princípios, sejam eles religiosos, morais, políticos ou sociais. Niilismo vem da palavra em latim *nihil*, que significa "nada". Ele representa uma atitude crítica em relação às convenções sociais e aos valores tradicionais (Florentino Neto, 2014).

¹¹ **Você sabe o que é a região da Ática?** Ática é uma região que engloba a cidade de Atenas, capital da Grécia. A região é centrada na península Ática, que se projeta no Mar Egeu. A região administrativa da Ática é mais extensa do que a região histórica e inclui outras ilhas e cidades (Frame, 2023).

Seus escritos defendiam pontos de vista não muito populares em sua época, eram tidos como paradoxais e até mesmo absurdos. Ele argumentava que palavras persuasivas tinham uma força equivalente às palavras dos deuses e o mesmo impacto da força física. Górgias era bastante performático e se estivesse vivo nos dias de hoje, seria considerado desses professores shows.

Isócrates de Atenas (436-338 a.C.) foi um filósofo e retórico ateniense bastante polêmico para sua época. Foi discípulo de Górgias, em Tessália e, como todo sofista, dedicou-se ao ensino. Mas foi além, e fundou sua escola de retórica, contemporânea e rival da Academia Platônica. Em sua primeira obra - *Contra os sofistas* - atacava a retórica meramente formalista e erística praticada pelos sofistas, mas defendia a retórica como núcleo essencial de uma formação.

Combateu, também, a filosofia platônica, que julgava inapta para a formação ética e política do homem grego. No âmbito político, Isócrates foi adversário de Demóstenes, lutando pela união do mundo helênico sob a monarquia de Filipe da Macedônia, contra os persas.

2.3.2 Os socráticos

O período da Filosofia Socrática ocorreu na Grécia clássica num período que abrange o final do século V e todo o século IV antes de Cristo. Iniciou com a ascensão de Atenas, após a vitória dos gregos sobre os persas nas Guerras Médicas¹². Foi um período em que a democracia se desenvolveu, a arte de falar em público era necessária, a vida artística entra no apogeu e Atenas domina a Grécia com seu império comercial e militar. Os principais representantes da Filosofia socrática foram Sócrates, Platão e Aristóteles.

¹² **Você sabe o que foram as Guerras Médicas?** As Guerras Médicas ocorreram entre 500-448 antes de Cristo, entre gregos e persas, pelo domínio do Mundo Antigo. Pela primeira vez na história grega, as cidades-estados se uniram para se defenderem da invasão dos persas. A vitória da Grécia sobre a Pérsia foi importante para os gregos conquistarem a hegemonia do Mundo Antigo (Guarinello, 2013).

Sócrates (470-390 a.C.), considerado o patrono da Filosofia, rebelou-se contra os sofistas, dizendo que eles não eram filósofos, porque não tinham amor pela sabedoria e nem respeito pela verdade, defendendo qualquer ideia, se isso fosse vantajoso. Corrompem o espírito dos jovens, pois faziam o erro e a mentira valer tanto quanto a verdade, desde que fossem convenientes.

Propunha que, antes de querer conhecer a Natureza e antes de querer persuadir os outros, cada um deveria primeiro conhecer-se a si mesmo. A expressão *conhece-te a ti mesmo* que estava gravada no pórtico do templo de Apolo, patrono grego da sabedoria, tornou-se a marca de Sócrates. Esta expressão demonstra o quanto Sócrates defendia uma filosofia antropológica, voltada para o conhecimento do homem, particularmente de seu espírito e de sua capacidade para conhecer a verdade.

O registro que a história da Filosofia possui de Sócrates foi traçado por seu mais importante discípulo, o filósofo ateniense Platão.

Platão definia Sócrates como um homem que andava pelas ruas e praças e ambientes públicos de Atenas indagando a cada um sobre assuntos que faziam com que as pessoas refletissem.

“Você sabe o que é isso que você está dizendo?”, “Você sabe o que é isso em que você acredita?”, “Você acha que está conhecendo realmente aquilo em que acredita, aquilo em que está pensando, aquilo que está dizendo?”, “Você diz”, falava Sócrates, “que a coragem é importante, mas: o que é a coragem? Você acredita que a justiça é importante, mas: o que é a justiça? Você diz que ama as coisas e as pessoas belas, mas o que é a beleza? Você crê que seus amigos são a melhor coisa que você tem, mas: o que é a amizade?” (Chauí, 2000, p. 44. Grifo/Aspas do original).

Como se percebe, essas perguntas deixavam os interlocutores embaraçados, irritados, curiosos, pois, quando tentavam responder ao célebre “o que é?”, descobria, surpresos, que não sabiam responder e que nunca tinham pensado em suas crenças, seus valores e suas ideias.

O mais interessante é que Sócrates, diferentemente dos sofistas, não dava as respostas. Mas as pessoas esperavam que ele respondesse por elas ou para elas, que soubesse as respostas às perguntas, como os sofistas pareciam saber, mas Sócrates, para desconcerto geral, dizia: “Eu também não sei, por isso estou perguntando”. Daí, onde vem a famosa expressão atribuída a ele: *Sei que nada sei*.

A partir de Sócrates a consciência da própria ignorância é o começo da Filosofia. Ele procurava a definição real daquilo que as coisas são. Procurava a essência verdadeira das coisas, das ideias, dos valores. Procurava o conceito e evitava a mera opinião que temos de nós mesmos, das coisas, das ideias e dos valores. Com isso, Sócrates demonstrava a diferença entre uma *opinião* e um *conceito*. A opinião varia de pessoa para pessoa, de lugar para lugar, de época para época. É instável, mutável, depende de cada um, de seus gostos, referências e preferências. O conceito, ao contrário, é uma verdade universal, atemporal e necessária, mostrando que é a essência universal e necessária de alguma coisa. A Filosofia socrática não se contenta com as aparências e busca a essência das coisas e das ideias.

Sócrates não perguntou se uma coisa era *bela*, se era *justa*, porque a opinião da pessoa poderia variar. Ele perguntava o que é o belo, o que é o justo, qual a essência da beleza, qual a essência da justiça. Perguntava, também: Que razões você possui para dizer o que diz e para pensar o que pensa? Qual é o fundamento racional daquilo que você fala e pensa? “Ao fazer suas perguntas e suscitar dúvidas, Sócrates os fazia pensar não só sobre si mesmos, mas também sobre a *polis*. Aquilo que parecia evidente acabava sendo percebido como duvidoso e incerto” (Chauí, 2000, p. 45).

Percebe-se que a pergunta filosófica recusa respostas binárias do tipo sim/não. Ao contrário, exige uma resposta pensada, refletida, que obriga o sujeito a raciocinar antes de responder para não cair em contradição. E você, com certeza, sabe que um discurso contraditório não nos leva a vencer um debate – a menos que estejamos diante de uma plateia de idiotas - não

nos leva a ser aprovado em uma entrevista, não nos leva a ser acreditado em um depoimento. Em resumo: o discurso contraditório nos leva ao fracasso.

Essa forma de abordar os assuntos com perguntas consistia no método socrático e ficou conhecido como **Maiêutica**¹³ que consiste em um jogo de perguntas que exigem mais perguntas. Porém, aliada a maiêutica vinha a **ironia**, a intenção do filósofo era demonstrar como as chamadas “autoridades” em determinados assuntos julgavam saber algo que, na verdade, não sabiam. Assim, a maiêutica, aliada à ironia, tornou-se, então, um recurso para o cumprimento da filosofia socrática, baseada na arte do diálogo e na desconstrução dos argumentos. Com a maiêutica, Sócrates buscava alcançar a definição mais precisa dos conceitos, atingindo a verdade.

Para os poderosos de Atenas, Sócrates tornara-se um perigo, pois fazia a juventude pensar. Por isso, eles o acusaram de desrespeitar os deuses, corromper os jovens e violar as leis. Levado perante a assembleia, Sócrates não se defendeu e foi condenado a tomar um veneno - a cicuta - e obrigado a suicidar-se.

Por que Sócrates não se defendeu? “Porque”, dizia ele, “se eu me defender, estarei aceitando as acusações, e eu não as aceito. Se eu me defender, o que os juízes vão exigir de mim? Que eu pare de filosofar. Mas eu prefiro a morte a ter que renunciar à Filosofia” (Chauí, 2000, p. 45. Grifo/aspas do original).

Aqui podemos fazer uma comparação com os dias atuais. Os poderosos de hoje querem que os jovens raciocinem? Por que todo governo antidemocrático tenta retirar a Filosofia do Ensino Médio? Os negacionistas da ciência não acreditam, realmente, na ciência ou essa atitude é apenas um recurso para afastar a juventude dos estudos? A quem interessa que os jovens não saibam pensar? Pense sobre isso.

¹³ **Você sabe o que é maiêutica?** A palavra maiêutica pode ser entendida como **obstetrícia**, ou seja, a arte de realizar partos. No entanto, isso não basta para definir a maiêutica socrática. Diz a história que a mãe de Sócrates era parteira. Assim como sua mãe, Sócrates dizia realizar partos, mas não partos de bebês, e sim de ideais. Sócrates acreditava que ele mesmo não detinha o seu conhecimento filosófico, mas teria uma habilidade de retirar esse conhecimento das outras pessoas (Chauí, 2002).

Sócrates nunca escreveu. O que sabemos de seus pensamentos encontra-se nas obras de seus vários discípulos, e Platão foi o mais importante deles. Inclusive, o julgamento e a morte de Sócrates são narrados por Platão numa obra intitulada *Apologia de Sócrates*, isto é, a defesa de Sócrates, feita por seus discípulos.

Platão (428-348 a.C.), o mais importante discípulo de Sócrates, nasceu em Atenas, capital da Grécia. Foi um dos mais brilhantes pensadores do período antropológico da Filosofia grega. Ele desenvolveu um pensamento que foi a teoria metafísica dualista, que divide o mundo em duas categorias - o Mundo das Ideias e das Formas e o mundo sensível. O Mundo das Ideias seria a realidade intelectual, verdadeira e acessada apenas por meio da capacidade racional do ser humano. Nesse mundo, estariam as essências das coisas, os conceitos, as ideias fixas e imutáveis que descrevem essencialmente cada ser ou objeto existente. O mundo das Formas, por sua vez, seria a realidade com a qual nos defrontamos em nosso cotidiano básico, acessada por meio de nossa experiência sensível. Essa realidade é ilusória, enganosa e inferior, levando o ser humano ao erro, causado pelas aparências das coisas do mundo, que não correspondem às essências.

Para demonstrar como o mundo das formas é enganoso Platão construiu uma metáfora¹⁴ que ele chamou de Mito da Caverna. Esse texto está contido no livro VII da obra *A República*. Sua leitura suscita inúmeras imagens. Para mim, representa duas imagens contrárias, mas complementares. De um lado, a imagem da Caverna, como lugar escuro, que representa o *desconhecimento*. Do outro, a imagem do Sol, lugar claro, que representa a luz, o *conhecimento*, a verdade¹⁵. As várias metáforas e aprendizagens que podemos extrair desse texto vêm sendo construídas, interpretadas e reinterpretadas ao longo da história do pensamento filosófico, mas nunca

¹⁴ **Você sabe o que é uma metáfora?** Metáfora é uma figura de linguagem que descreve um objeto ou uma qualidade de uma maneira não literal com a finalidade de ajudar a explicar uma ideia geral sobre algo ou alguém. Exemplo: Gabriela é uma gata (subtende-se beleza felina). (Paiva, 1998).

¹⁵ Uso letras maiúsculas para escrever Caverna e Sol expressando lugares e exatamente nessa ordem: treva e luz. Gosto muito de imaginar essa ordem em minha vida.

perdeu sua importância como memória viva que é narrada em quase todas as aulas de Iniciação à Filosofia.

Tomei como base para análise de *O Mito da Caverna* um vídeo que faz uma análise comparativa entre *O Mito da Caverna* e o roteiro do filme *Matrix*.¹⁶ Para ilustrar o terror das cenas, os desenhos mostram os homens com uma aparência muito feia. E para dar um aspecto, ainda mais sombrio as cores são em tons pastel, cinza e preto. Também tomei como base uma Aula Magna ministrada por Marilena Chauí¹⁷.



[Matrix-Mito da caverna Resumo](#)¹⁸

[PARA QUE FILOSOFIA? COM MARILENA CHAUI E EDUARDO MOREIRA](#)¹⁹

No Mito da Caverna, Platão narra um diálogo - imaginado - entre Sócrates e seus discípulos. Nesse diálogo, Sócrates pede que os discípulos imaginem uma caverna onde existem vários homens de costas viradas para a entrada. Os homens estão acorrentados pelas mãos, pés, pescoço e tronco, de modo que não podem se virar uns para os outros e nem para a entrada. A única coisa que eles podem observar é a parede às suas frentes. Porém, a despeito de suas condições no interior da caverna, há vida lá fora. Há um sol brilhando e pessoas e animais circulando livremente em torno dela.

Sócrates faz a seguinte indagação a seus discípulos: não era razoável que quando um homem ou um animal cruzasse à frente da entrada da caverna o sol projetava a sombra desse homem ou animal no interior da caverna? Os discípulos concordaram. Continuando, Sócrates indaga se não seria razoável, também, que quando esses homens e animais, que passassem em frente à caverna e emitissem alguns sons, esses sons chegassem ao seu interior,

¹⁶ Encontrei vários vídeos narrados por pessoas diferentes, mas o desenho animado era o mesmo. O que muda de um vídeo para outro é o narrador e a narração. O que tomei como base encontra-se no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=qEnrA11Rpp0>

¹⁷ Para que filosofia? Aula Magna com Marilena Chauí, Eduardo Moreira e Jessé Souza em 31/08/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RuDom2TE8SY>. Acesso em 23/01/2024.

porém de forma a não serem decifrados com clareza? Ao que os discípulos, também, concordaram.

Por tratar-se de uma metáfora, não cabe indagar como aqueles homens chegaram e permaneceram ali. Eles simplesmente já estavam ali - por isso é uma metáfora - não conheciam outra realidade senão aquela. Por isso, as sombras e os sons vindos de fora eram as únicas informações que chegavam até eles.

Sócrates pede, então, para os discípulos imaginarem um daqueles homens se livrando das correntes e saindo da caverna. Esse homem nem sabe andar direito, sai cambaleando, se arrastando. Acostumado à escuridão, ao sair da caverna fica sensível à luz. Seus olhos vão arder. Mas, apesar das dificuldades, ele começa a se adaptar à luz do sol e percebe que aquelas sombras eram apenas a aparência do real. A realidade estava do lado de fora da caverna e era bem diferente das aparências que chegavam à caverna.

Continuando, Sócrates pede aos discípulos que imaginem outra situação. Aquele homem, que descobriu a realidade, não seria razoável que ele quisesse voltar à caverna para salvar seus companheiros da ilusão a que estão submetidos. E o que acontece com esse retorno? Os demais companheiros zombam dele, não acreditam em suas palavras e tentam silenciá-lo com suas caçoadas.¹⁸ Diante da insistência do homem, os prisioneiros começam a espancá-lo e mesmo assim, ele teima em afirmar o que viu e tenta, de todas as formas, retirá-los de lá. Diante de tanta insistência recebe até ameaças de morte por parte de alguns dos prisioneiros. Mas alguns conseguem ouvi-lo, e contra a vontade da maioria, saem da caverna rumo à realidade.

Aí Platão explica que esse homem, que volta à caverna para salvar os demais, é o filósofo. E o sol, que produz luz, é a Filosofia.

Vamos fazer agora uma análise de alguns fatos da nossa história, passada e recente, à luz do Mito da Caverna.

¹⁸ **Você sabe o que é caçoada?** É o mesmo que zombaria, gozação e deboches. Veja em dicionários da Língua Portuguesa.

(a) **O que é a caverna hoje?** O mundo de aparências em que vivemos.

(b) **O que são as sombras projetadas no fundo da caverna?** As fakes news que recebemos diariamente pelas mídias e multimídias.

(c) **O que são as correntes?** Nossos preconceitos, opiniões e crenças sobre a forma como estamos vendo a realidade.

(d) **Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna?** O filósofo, o sujeito que procura saber quais os interesses que estão por trás das informações que nos chegam.

(e) **O que é a luz do sol?** A verdade.

(f) **O que o mundo iluminado com o sol da verdade?** A realidade propriamente dita.

(g) **Qual o instrumento que liberta o prisioneiro rebelde e com o qual ele deseja libertar os demais prisioneiros?** A Filosofia.

Marilena Chauí (2023) nos leva a uma importante reflexão. Ela afirma que nossa caverna é a nossa vida cotidiana, costumeira na qual nós afirmamos, recusamos, desejamos, recusamos coisas e ideias, pessoas, situações. Fazemos perguntas, respondemos perguntas, avaliamos coisas e situações.

Quando indagamos, por exemplo, que horas são, ou que dia é hoje, a nossa expectativa é de que alguém, de posse de um relógio e um calendário - ou de outro dispositivo seguro -, nos dê a resposta certa. E em que acredito quando aceito a resposta? Acredito que o tempo existe e que ele passa, pode ser medido em horas e dias; que o que já passou é diferente do que agora é, e do que virá. E que o futuro é desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias crenças. Contém coisas e ideias que acreditamos sem questionar porque nos parecem evidentes ou até mesmo porque nos ensinaram que são assim mesmo.

Assim, são muitas cavernas que nos colocam dentro e, na maioria das vezes, acreditamos que lá dentro é muito bom. Ou até percebemos que merecíamos estar em outro lugar, mas temos medo das lutas e das ameaças que encontraremos pelo caminho.

No período colonial tivemos a *Caverna Pedagógica* dos jesuítas. Época em que a educação foi profundamente marcada por interesses religiosos, políticos e econômicos dos grupos ligados à Coroa Portuguesa e da nascente elite agrária brasileira. A educação jesuítica, de um lado, ofertava um ensino de qualidade para as elites e, por outro, um ensino para subserviência para as classes pobres através da catequese e da pregação da fé.

Tivemos, também, a *Caverna Econômica da Escravidão* que, em nome do desenvolvimento e do progresso, a elite econômica em 1550 foi autorizada a traficar escravos africanos por mais de 300 anos, onde cerca de 4,8 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil e aqui tiraram toda sua dignidade como pessoa humana. Até hoje não conseguimos vencer os preconceitos raciais porque tem grupos que desejam a volta da escravidão. Volta e meia os jornais mostram situações de trabalhos análogos à escravidão. Não raro, trabalhadores são barrados de entrarem em elevadores junto com proprietários de apartamentos.

No período do Estado Novo¹⁹ (1937-1945) tivemos a *Caverna da Ditadura do Governo Vargas* que destituiu os Poderes Legislativo e Judiciário e retirou os direitos educacionais da classe trabalhadora conquistados/garantidos na Constituição de 1934. Nesse período, Vargas governou com amplos poderes, pois o Congresso estava fechado, os partidos políticos, extintos e a imprensa, censurada.

No governo militar (1964-1983) tivemos a *Caverna da Ditadura Militar*. A diferença agora é que, enquanto a caverna pedagógica dos jesuítas é mantida em nome da Fé, e o Estado Novo em nome do desenvolvimento, os militares forjaram uma caverna baseada em **censuras, perseguições, torturas e assassinatos**.

¹⁹ Sobre o Estado Novo veja mais em: Ghiraldelli Júnior, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

No momento presente temos a *Caverna do Ataque na Educação Pública*. A reforma do Ensino Médio²⁰ reforça a dualidade estrutural já existente, além de provocar o empobrecimento de conteúdo desta etapa do ensino, dificultando ainda mais o ingresso do aluno na universidade pública. Em relação ao ensino superior, os neoliberais sonham privatizá-las, os fascistas não escondem seu rancor pela Ciência.

Atualmente estamos convivendo com a *Caverna da Tentativa de Golpe de Estado* onde milhares de brasileiros que, sem uma boa escola e sem acesso à Ciência, a Arte e à Filosofia, estão acorrentados pelas forças ideológicas dos grupos dominantes. As correntes de hoje são as mentiras passadas como verdades absolutas em noticiários, nas mídias e multimídias, nas novelas e nas propagandas. As *Fake News*, quando aliadas à desonestidade intelectual são capazes de eleger candidatos sem propostas de governos e, portanto, sem compromisso com a população que os elegeu.

No texto de Platão, quando um dos homens escapa, seus olhos se irritam com a claridade. Com isso Platão quis mostrar a dificuldade que o oprimido tem para se libertar da opressão. De *enxergar* que é oprimido. Para ele, é mais fácil se acomodar do que discutir questões políticas ou fazer um curso superior à noite depois de uma jornada cansativa de trabalho. Como diz o educador Paulo Freire, o processo de libertação é dolorido.

As sobras e as vozes, que não chegam com nitidez ao interior da caverna de hoje, são os meios de comunicação de massa que só divulgam o que interessa e do jeito que interessa aos grupos de poder. Grupos esses que controlam a sociedade através do monopólio econômico, cultural, ideológico e político. Controle tão engendrado que faz com que o próprio beneficiado com políticas públicas, que a classe trabalhadora conquistou às duras penas, seja o primeiro que aplauda o desmantelamento delas.

²⁰ Sobre essa reforma leia mais em: Frigotto, Gaudêncio. Reforma do ensino médio do (des) governo de Temer: decreta-se uma escola para os ricos e outra para os pobres. // **Boletim da Anped**, 22 de set. 2016.

O momento mágico, e que nos traz alento, é o momento em que o homem que saiu da caverna começa a se adaptar à luz. Isso representa a tomada de consciência, que chega aos poucos e vai fazendo com que o trabalhador perceba que a miséria não é uma questão de destino e sim de uma estrutura opressora que impõe seus padrões culturais às populações oprimidas, “[...] levando-as a hospedar em si o opressor como modelo ideal da humanidade e a adotar padrões culturais externos como próprios, com o propósito adaptativo de se integrar à estrutura opressora” (Ramalho, 2022, p. 4).

A volta do homem à caverna, agora já com uma postura diferente, e a rejeição de seus amigos, representa o embate/debate, hoje, entre os próprios trabalhadores. Tem trabalhador do emprego público aplaudindo o fim do emprego público. Tem estudante pobre, que precisa da escola pública, aplaudindo o fim da escola pública. E o que é isso? É o efeito da escuridão da caverna.

Como se percebe, o Mito da Caverna é uma metáfora para a compreensão da condição humana em relação ao conhecimento, à ignorância e à busca da verdade.

Aristóteles (384-322) foi discípulo de Platão. Nasceu em Estagira, uma colônia pertencente à Macedônia. Aos 17 anos mudou-se para Atenas e começou a frequentar a Academia de Platão. Ele operou profundas mudanças na Filosofia até então produzida na Grécia. Como vimos, a Filosofia já havia passado pelo período **cosmológico**, com os pré-socráticos, e pelo período **antropológico** com Sócrates e Platão. Com Aristóteles iniciou, então, o seu período sistemático que foi fundamental para o desenvolvimento das ciências, posteriormente.

Antes de Aristóteles os estudos de Filosofia incluíam conteúdos de Astronomia, Física, Matemática, Cosmologia, Política, Ética, Estética, Retórica e outras áreas do conhecimento. Aristóteles foi o primeiro a classificar e a sistematizar essas áreas, desenvolvendo estudos específicos sobre cada uma delas.

O processo de sistematização do conhecimento, através do método filosófico de Aristóteles, influenciou pensadores da Idade Média e, principalmente, os filósofos empiristas da Modernidade, que retomaram a ideia de que o conhecimento também é obtido por meio da prática, operando uma radical e mais completa elaboração da tese do conhecimento como fruto dos sentidos corpóreos e das experiências práticas (Marcondes, 2016a; 2016b).

Podemos afirmar, então, que Aristóteles inaugurou o período sistemático da Filosofia. Ele apresenta, nesse período de quatro séculos da Filosofia, uma verdadeira enciclopédia de todo o saber que foi produzido e acumulado pelos gregos em todos os ramos do pensamento e da prática considerando essa totalidade de saberes como sendo a Filosofia. Esta, portanto, não é um saber específico sobre algum assunto, mas uma forma de conhecer todas as coisas possuindo procedimentos diferentes para cada campo de coisas que conhece.

Aristóteles defendia que, antes de um conhecimento constituir seu objeto e seu campo próprios, seus procedimentos próprios de aquisição e exposição, de demonstração e de prova, deve, primeiro, conhecer as leis gerais que governam o pensamento, independentemente do conteúdo que possa vir a ter.

Aristóteles fundamenta as primeiras noções da Lógica Clássica, baseada na argumentação e na Retórica. Em seus estudos, que buscavam algumas noções metafísicas, como a divisão das categorias do que se fala, ele buscou uma forma de linguagem que fosse formalmente válida e que buscasse argumentos que fossem fundamentados em premissas. Surgiu aí a noção de silogismo.²¹ O estudo das formas gerais do pensamento, sem preocupação com seu conteúdo, chama-se **lógica**, e Aristóteles foi o criador da lógica como instrumento do conhecimento em qualquer campo do saber.

²¹ **Você sabe o que é silogismo?** Silogismo é uma forma de raciocínio baseada na dedução. Esta linha de pensamento, criada pelo filósofo Aristóteles, utiliza duas proposições iniciais para se chegar a uma terceira, que no caso é a conclusão. Exemplo: Todos os homens são mortais (Proposição 1). Antônio é homem (Proposição 2). Logo, Antônio é mortal (Conclusão). (Keller; Bastos, 2003).

A lógica não é uma ciência, mas o instrumento para a ciência e, por isso, na classificação das ciências feita por Aristóteles, a lógica não aparece, embora ela seja indispensável para a Filosofia e, mais tarde, tenha se tornado um dos ramos específicos dela.

Para Chauí (2000) além de a Filosofia ser o *conhecimento da totalidade dos conhecimentos e práticas humanas*, ela também estabelece uma diferença entre esses conhecimentos, distribuindo-os numa escala que vai dos mais simples e inferiores aos mais complexos e superiores. “Essa classificação e distribuição dos conhecimentos fixou, para o pensamento ocidental, os campos de investigação da Filosofia como totalidade do saber humano” (Chauí, 2000, p. 48). Concluindo este capítulo podemos afirmar que o papel da Filosofia, ou a atitude filosófica, é a constante indagação sobre o fundamento por trás de todas as coisas, de todos os conceitos. O filósofo é aquele que consegue sair do mundo das aparências e buscar o conhecimento verdadeiro.

2.4 Para refletir: filosofia e ironia

Do ponto de vista filosófico, a ironia vai além do seu uso comum como sarcasmo ou contradição. Ela é um recurso intelectual e pedagógico, especialmente associado ao filósofo Sócrates. Como vimos, Sócrates nos leva a filosofar através da ironia. Esse é um exercício que todos nós podemos fazer. Os fragmentos dos textos abaixo (1 e 2), de Eduardo Galeano, e a música de Zé Ramalho “Admirável Gado Novo” são bons exemplos de reflexão filosófica nos moldes da ironia socrática.

Quadro 01 - De pernas pro ar

Texto 1: Até pouco tempo atrás, os historiadores da democracia ateniense só de passagem mencionavam os escravos e as mulheres. Os escravos eram a maioria na população da Grécia e as mulheres eram a metade. Como seria a democracia ateniense, considerada do ponto de vista dos escravos e das mulheres?

Texto 2: A Declaração de Independência dos Estados Unidos proclamou, em 1776, que “todos os homens nascem iguais”. O que isso significava do ponto de vista dos escravos negros, meio milhão de escravos que continuaram sendo escravos depois da declaração? E as mulheres, que continuaram sem ter nenhum direito, nasciam iguais a quem?

Do ponto de vista dos Estados Unidos, é justo que os nomes dos norte-americanos tombados no Vietnã estejam gravados num imenso muro de mármore, em Washington. Do ponto de vista dos vietnamitas que a invasão norte-americana matou, faltam ali sessenta muros.

Tampouco surpreende o infeliz balanço mundial da guerra e da paz. Por cada dólar que as Nações Unidas gastam em suas missões de paz, o mundo emprega dois mil dólares em gastos de guerra, destinados ao sacrifício de seres humanos em caçadas onde o caçador e a presa são da mesma espécie e onde tem mais êxito que mais pessoas mata. Como dizia Dom Theodore Roosevelt, “nenhum triunfo pacífico é tão grandioso quanto o supremo triunfo da guerra”. E em 1906, deram-lhe o Prêmio Nobel da Paz.

Boa parte da opinião pública norte-americana padece de uma assombrosa ignorância a respeito de tudo o que ocorre fora de seu país, e teme ou despreza o que ignora. No país que mais desenvolveu a tecnologia da informação, os noticiários da televisão dão pouco ou nenhum espaço às novidades do mundo, exceto para confirmar que os estrangeiros têm tendência ao terrorismo e à ingratidão. Cada ato de rebelião ou explosão de violência, ocorra onde ocorrer, torna-se uma nova prova de que a conspiração internacional segue sua marcha, alimentada pelo ódio e pela inveja. Pouco importa que a Guerra Fria tenha terminado, pois o demônio dispõe de um amplo guarda-roupa e não se veste apenas de vermelho.

Fonte: Galeano, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso.** Vol. 1. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Exercícios/Atividades sobre o capítulo

Atividade 01 – Leia atentamente o texto do Quadro 01 e responda às seguintes indagações:

1) Na Grécia antiga a democracia era incompleta porque não contemplava os escravos e as mulheres que eram, respectivamente, a maioria e a metade da população. E o que dizer da nossa democracia onde impera o machismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia e demais formas de discriminação e opressão?

2) Quais as semelhanças e diferenças entre a Declaração de Independência dos Estados Unidos e a nossa independência?

3) Sobre a guerra entre Estados Unidos e Vietnã, o que podemos dizer quando vidas humanas de uma nação valem mais do que vidas humanas de outras nações?

4) No Brasil, existem vidas humanas que valem mais que outras? Quais?

5) Quais as consequências quando sociedade gasta mais com armas de guerra do que com campanhas de paz?

6) O que esperar de um povo que é constantemente preparado para acreditar que é **MELHOR** do que os demais?

7) O que esperar de um povo que está constantemente preparado para acreditar que é **PIOR** do que os demais?

Quadro 02 - Admirável Gado Novo²²
Letra e música – Zé Ramalho

Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber
E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer
Êh, oô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!
Lá fora faz um tempo confortável
A vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia
Os homens a publicam no jornal
E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou!
Êh, oô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!
O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonham com melhores tempos idos

²² Informações disponíveis em 22/02/24 no site oficial do artista: www.zeramalho.com.br

Contemplam esta vida numa cela
Esperam nova possibilidade
De verem esse mundo se acabar
A arca de Noé, o dirigível,
Não voam, nem se pode flutuar
Êh, oô, vida de gado
Povo marcado Êh, povo feliz!

Fonte: RAMALHO, Zé. Admirável Gado Novo. *In*. **A Peleja do Diabo com o Dono do Céu**. Rio de Janeiro: CBS (Columbia Broadcasting System), 1979.

Esta música foi composta em 1979 no mesmo ano que João Baptista Figueiredo, o último presidente do Governo (ditadura) Militar, assumiu a Presidência da República. O povo, mesmo arriscando a vida, saía às ruas para lutar pela democracia. Os artistas, principalmente os cantores da chamada Música Popular Brasileira (MPB), foram incansáveis nessa luta. A sociedade brasileira vivia uma mistura de sentimentos que mesclava medo, cansaço e esperança.

Ao escrever *Admirável Gado Novo*, Zé Ramalho usa não só desse contexto, mas também de toda a sua trajetória de dificuldades desde a infância no sertão da Paraíba até o estrelato como cantor e compositor.

Admirável Gado Novo é uma crítica à exploração do trabalho e à manipulação psicológica/intelectual. Para compor esta canção, Zé Geraldo se inspirou na distopia da obra literária *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley.²³ Mas o contexto brasileiro, marcado pela truculência do regime militar e pela condição de miséria do povo, foi a maior inspiração.

²³ Esse livro traz uma história distópica, de ficção futurista, onde um governo central e autoritário se encarrega de manter a população “feliz” durante todo o tempo, evitando qualquer tipo de conflito ou desentendimento.

Atividade 02 - Leia atentamente a letra da música “Admirável Gado Novo” e responda às seguintes indagações:

- 1) Quem é a massa que passa nos projetos do futuro?
- 2) Quem é o admirável gado novo?
- 3) O que significa “povo marcado... ” Povo feliz”?
- 4) Por que o autor usa a expressão “gado novo” para designar o povo?
- 5) Quem é o “gado novo” de hoje?

Atividade 03 - Sobre a Filosofia na Antiguidade:

- 1) O que é a “Filosofia” (amor pela sabedoria) e como ela começou na Grécia antiga?
- 2) Por que a filosofia surgiu de forma tão expressiva na Grécia e não em outros lugares?
- 3) Qual a diferença entre o mito e a filosofia como formas de explicar o mundo?
- 4) Por que os primeiros filósofos são conhecidos como pré-socráticos? Qual era o principal objeto de estudo deles?
- 5) Por que a Filosofia Socrática é definida como uma filosofia antropológica?
- 6) Quais são as principais diferenças entre as ideias de Sócrates, Platão e Aristóteles?

Outras sugestões de atividade:

- 1) Criem uma linha do tempo que mostra os principais filósofos da Antiguidade, suas escolas e ideias centrais.
- 2) Criem e encenem um diálogo socrático, com um aluno interpretando Sócrates e outros fazendo perguntas.

3) Elabore um mapa conceitual que relaciona os conceitos de Sócrates, Platão e Aristóteles.

4) Escolha uma situação ou tema da atualidade e eleja um colega para discutir este tema como se fosse um filósofo da Antiguidade.

5) Com base no vídeo “Matrix-Mito da caverna Resumo” encenem o diálogo do Mito da Caverna ([Matrix-Mito da caverna Resumo](#)).

3. A FILOSOFIA MEDIEVAL

A Filosofia medieval foi construída por pensadores europeus, árabes e judeus. É o período em que a Igreja Católica Romana dominava a Europa, ungiu e coroava reis, organizava cruzadas à Terra Santa e criava, em volta das catedrais, as primeiras universidades ou escolas (Chauí, 2000). A Filosofia medieval recebeu influências de Platão e Aristóteles, mas a maior parte de suas ideias veio de dois santos da Igreja Católica: Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274).

Não podemos falar de Filosofia medieval sem falar do surgimento do Império Romano²⁴ surgido às vésperas da Era Cristã e que dominou a Grécia, parte da Europa e do Oriente Médio por mais de cinco séculos. Uma das principais características desse período foi o aparecimento e desenvolvimento do Cristianismo, uma força religiosa, cultural e filosófica que passa a ser dominante. Mesmo com as invasões bárbaras, por volta de 400 depois de Cristo, que levam à desorganização econômica e ao esfacelamento dos territórios pertencentes ao Império Romano, o Cristianismo sobrevive e até se fortalece, tornando-se a religião principal da Idade Média²⁵, período que então se inicia.

É nesse contexto que surge propriamente a Filosofia cristã, que é, na verdade, a teologia. Um de seus temas mais constantes são as provas da existência de Deus e da alma, isto é, demonstrações racionais da existência do infinito criador e do espírito humano imortal. Portanto, não dá para separar Filosofia de Teologia pelo fato de a transição do mundo antigo para o

²⁴ **Você sabe o que foi o Império Romano?** O Império Romano foi a terceira fase da civilização romana, segundo a periodização utilizada pelos historiadores. Esse período iniciou-se em 27 a.C., com a coroação de Otávio como imperador de Roma, e estendeu-se até 476 d.C., quando o último imperador, Rômulo Augusto, foi destituído do trono (Grimal, 2011).

²⁵ **Você sabe o que foi a Idade Média?** A Idade Média é o nome do período da história ocorrido entre os anos 476 e 1453. Trata-se de um período de aproximadamente mil anos da história ocidental, que se inicia no século V, com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e termina no século XV, com a tomada de Constantinopla pelo Império Otomano, em 1453. Quando nos referimos à Idade Média, geralmente referimo-nos a acontecimentos relacionados, direta ou indiretamente, à Europa (Franco Júnior, 2006).

medieval ter sido conduzida pela Igreja Católica. Cujos representantes, chamados *Padres da Igreja* ou *Pais da Igreja*, articularam duas vertentes filosóficas que tinham, entre outros objetivos, estabelecer o encontro entre a Filosofia grega e o Cristianismo: a **Patrística** e a **Escolástica**. A Patrística vai do século I ao VI e seu principal representante foi Santo Agostinho. A Escolástica vai dos séculos VI ao XIV e seu principal representante foi São Tomás de Aquino. As duas tratavam de questões religiosas, mas com abordagens bem diferentes.

Durante a Idade Média a Igreja Católica detinha, praticamente, sozinha o poder político e econômico e, obviamente, todo o conhecimento científico passa pelo seu crivo. Nesse período, vários nomes se destacaram no campo da Filosofia, mas Santo Agostinho e São Tomás de Aquino são os principais.

O primeiro teve um papel importante à frente da igreja em função de assegurar a consolidação do Cristianismo nos anos iniciais da Idade Média. O segundo viveu em período que prenunciava duas grandes transições: (1) a transição da hegemonia da Igreja Católica sobre a educação, sobre os princípios morais, sobre os poderes políticos e jurídicos da sociedade em função do aparecimento do protestantismo e (2) a transição do feudalismo para o capitalismo com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial na Inglaterra.

3.1 Santo Agostinho: a filosofia patrística

A Filosofia Patrística recebeu esse nome por ser desenvolvida pelos primeiros padres, considerados *pais*, da Igreja Católica que se incumbiram de fazer a transição entre o pensamento filosófico da Antiguidade e o do Medievo. Mas sua finalidade principal era servir ao pensamento cristão e fortalecer o Cristianismo. Tanto, que se inicia com as Epístolas de São Paulo e o Evangelho de São João. Assim, o grande tema de toda a Filosofia patrística era conciliar razão e fé.

Não é fácil sintetizar a filosofia de Agostinho – a Patrística - em poucas palavras, pois ele tratou sobre os mais variados temas ao defender as primeiras bases teológicas do Cristianismo. Inicialmente escreveu sobre o tempo, algo que intrigava religiosos, cientistas e filósofos da época. Para o filósofo patrístico o tempo é algo que ele sabe o que é, mas não sabe responder caso seja perguntado. Isso leva o interlocutor a pensar algo que seria muito importante na contemporaneidade: o conhecimento intuitivo.

Além do tempo, Agostinho escreveu sobre o *bem* e o *mal*. Na visão do filósofo, ao tentar-se resolver o antigo paradoxo da onipotência e da suprema benevolência de Deus sobre o mal, afirma-se que Deus é o ser supremo e o único caminho possível para o bem. No entanto, há a possibilidade deixada pelo *livre arbítrio* onde o homem pode escolher os caminhos a seguir e isso faz com que ele se afaste do bem e vá em direção ao mal. Deus seria o bem e a distância de Deus seria o mal, o caminho oposto à iluminação divina.

Santo Agostinho, inspirado em Platão, também fazia uma cisão entre corpo e alma. Entretanto, para ele, a alma não era somente a sede da razão, mas a prova de uma manifestação divina no homem e era imortal por ser o elemento que liga o homem a Deus. E, sendo a alma também a sede do pensamento, a Igreja Católica passa a se preocupar também com a forma como as pessoas pensam. Segundo Santo Agostinho, a alma humana é superior ao corpo e, por ser superior, deve reinar e dirigi-lo à prática do bem. Segundo sua teoria da iluminação, Deus nos dá o conhecimento das verdades eternas e ilumina a razão. A salvação individual depende da submissão total a Deus. Santo Agostinho ressalta a vinculação pessoal do homem com Deus, enquanto a filosofia grega identifica o homem com o cidadão e a política. Para ele, só é possível alcançar a verdade das coisas por meio da luz de Deus, no íntimo de nossa alma (Aranha, 1998).

Agostinho une, em uma síntese coerente, teologia, antropologia, psicologia e política. Ou seja, todos campos da área de Ciências Humanas da época. Lendo a obra dos filósofos da Antiguidade, ele toma consciência de sua vocação filosófica e religiosa dando início a uma reflexão profunda e

conscienciosa pela busca da verdade. Essa reflexão o leva ao encontro definitivo com o neoplatonismo e, posteriormente, com o Cristianismo, pois Agostinho se torna cristão, sem deixar de ser neoplatônico.

A importância do período patrístico da Filosofia reside, principalmente, no fato de que ela produziu grande parte do pensamento que daria origem a todo um sistema teológico cristão. Ao tecer uma análise criteriosa das bases do pensamento cristão, dos dogmas cristãos e de uma certa concepção teológica, podemos encontrar traços platônicos e elementos da Filosofia Grega.

Foi no período patrístico que surgiu a maior parte doutrinária do pensamento cristão que daria origem ao que conhecemos hoje como Igreja Católica Apostólica Romana.

A Patrística caracteriza-se pela defesa da fé e conversão dos não-cristãos. Conciliou a fé cristã com as doutrinas greco-romanas e difundiu as escolas catequéticas por todo Império. Os copistas, monges, reproduziam as obras clássicas nos conventos. A partir de Constantino (século IV), o Império adotou o cristianismo como religião oficial, surgindo um novo tipo histórico de educação, uma nova visão de mundo e da vida. “As culturas precedentes fundadas no heroísmo, no aristocratismo e na existência terrena, foram substituídas pelo poder de Cristo, critério de vida e verdade” (Gadotti, 2001, p. 52). Com isso, a Igreja Católica, cada vez mais forte, dominava a Europa, organizava cruzadas, criava as primeiras universidades e escolas. Essas escolas ensinavam várias matérias, gramática, geometria, aritmética, música, astronomia, todas elas submetidas à teologia.

3.2 São Tomás de Aquino: a Escolástica

Assim como a Patrística, Escolástica continua o trabalho de adequar a herança do pensamento filosófico clássico às verdades teológicas. Mas ao invés de filiar-se somente ao pensamento de Platão seguiu, também, o pensamento de Aristóteles.

A Escolástica foi a mais alta expressão da filosofia cristã medieval. Chama-se Escolástica por ser uma filosofia ensinada nas escolas. Segundo Aranha (1998, p. 73) “[...] o método escolástico é constituído por várias etapas: a leitura (lectio), o comentário (glossa), as questões (quaestio) e a discussão (disputation)”. Essa perspectiva visava conter as heresias, não apenas impondo a crença, mas utilizando o trabalho da argumentação, sustentado nos fundamentos Aristotélicos, sobretudo o silogismo, submetendo então a razão à fé. No apogeu da Escolástica, o principal expoente foi São Tomás de Aquino, que continuou a divulgar e comentar a obra de Aristóteles, adaptando-a à verdade revelada, que é Deus. A educação nada mais é que um meio para atingir o ideal da verdade e do bem, superando as tentações do pecado. A ideia do princípio ordenador do mundo é o cerne do pensamento tomista.

Inspirado em Aristóteles, São Tomás de Aquino considera que o homem, na sua essência, busca a perfeição através de sua existência. Mas, ao contrário do filósofo grego, afirma que somente Deus seria capaz de reunir a essência e a existência, em termos de igualdade. Tomás de Aquino encontra argumentos racionais para justificar os dogmas da Igreja e continua garantindo para ela o monopólio do estudo do psiquismo. Para tanto, desenvolveu uma Filosofia em que os temas principais foram os seguintes: diferenças/separação, subordinação e hierarquia. (1) **Diferenças e separação** entre Deus e o homem, entre fé e razão, entre corpo e alma eram os grandes temas da Filosofia medieval. (2) **Hierarquia** de seres, onde os superiores (Deus, arcanjos, anjos, alma) dominam e governam os inferiores (corpo, animais, vegetais, minerais). (3) **Subordinação** do poder temporal dos reis e barões ao poder espiritual de papas e bispos. Como se percebe, a Filosofia medieval estava a serviço total das autoridades, começando pela autoridade divina.

Outra característica marcante da Escolástica foi o método por ela inventado para expor as idéias filosóficas, conhecida como disputa: apresentava-se uma tese e esta devia ser ou refutada ou defendida por

argumentos tirados da Bíblia, de Aristóteles, de Platão ou de outros Padres da Igreja.

Conforme Chauí (2000) uma ideia era considerada uma tese verdadeira ou falsa dependendo da força e da qualidade dos argumentos encontrados nos vários autores. Por causa desse método de disputa, costuma-se dizer que, na Idade Média, o pensamento estava subordinado ao **princípio da autoridade**, isto é, uma ideia é considerada verdadeira se for baseada nos argumentos de uma autoridade reconhecida - Bíblia, Platão, Aristóteles, um papa, um santo.

3.3 Para concluir o capítulo

Encerramos este capítulo com a letra da música Pagu, de Rita Lee em parceria com Zélia Duncan, lançada no ano 2000. A música brasileira sempre foi um espaço de expressão e resistência para as mulheres e para as pessoas marginalizadas, de modo geral. A música Pagu tem uma mensagem forte e impactante porque trata do empoderamento feminino.

Antes de trazer a letra da música, precisamos esclarecer que Pagu era o apelido de Patrícia Galvão, uma das jornalistas mais notáveis do Brasil na década de 1930. Além de jornalista foi escritora, diretora de teatro e desenhista. Ela teve uma atuação que foi muito além da profissão que exercia. A jornalista foi também uma militante comunista e a primeira mulher no Brasil presa por convicções políticas.

Nascida no interior de São Paulo em uma família tradicional e conservadora, ela desafiou os padrões de comportamento exigido às mulheres da época: usava cabelo curto, roupas sensuais, bebia e fumava.

A letra rejeita o conformismo e exalta a resistência à opressão social e cultural. O eu lírico, em tom provocativo, afirma: *"Não sou atriz-modelo-dançarina / Meu buraco é mais em cima."* Essa declaração rejeita os papéis tradicionais e limitadores impostos às mulheres, sugerindo que a identidade feminina é mais do que as aparências ou funções sociais atribuídas.

Também questiona a **alienação** e as imposições sociais, dialogando com pensamentos de filósofos/as como Simone de Beauvoir, que argumentava que a mulher é frequentemente reduzida a papéis determinados pela sociedade patriarcal, precisando construir sua própria identidade para alcançar a liberdade.

Quadro 03 - Pagu
Rita Lee em parceria com Zélia Duncan

Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão
Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas a minha cobra
Hum hum hum hum
Minha força não é bruta (adoro essa frase)
Não sou freira, nem sou puta
Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Ratatá ratatá ratatá
Taratá taratá
Sou rainha do meu tanque
Sou Pagu indignada no palanque
Hanhan hanhan
Fama de porra louca, tudo bem
Minha mãe é Maria ninguém
Hu huhuhu
Não sou atriz, modelo, dançarina
Meu buraco é mais em cima
Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Ratatá ratatá

Ratatá
Taratá taratá

Lee, Rita; Duncan, Zélia. Pagu. /n. 3001. Rio de Janeiro: Universal Music, 2000.

Como se percebe, a letra da música é uma celebração da liberdade e da resistência feminina, ao mesmo tempo em que critica estruturas opressivas e reforça a necessidade de autenticidade. Filosoficamente, dialoga com correntes como o Existencialismo, o Feminismo e a filosofia crítica do filósofo Nietzsche, desafiando os papéis tradicionais e propondo uma visão emancipadora da mulher. Por meio de uma linguagem direta e provocativa, Rita Lee e Zélia Duncan evocam uma mensagem atemporal onde a liberdade começa no questionamento e na rejeição da submissão.

Exercícios/Atividades sobre o capítulo

Atividade 01 - Leia atentamente a letra da música “Pagu” e procure responder as perguntas abaixo:

O que significa a frase “*Só quem já morreu na fogueira sabe o que é ser carvão*”?

Que significa “*não sou freira nem sou puta*”?

O que significa a rejeição ao silicone?

E a afirmação de ser “*mais macho que muito homem*”?

E nem toda feiticeira é corcunda e nem toda brasileira é bunda?

Atividade 02 – Sobre a Filosofia Medieval, responda às indagações abaixo:

- 1) Explique quais as diferenças no campo religioso, político e econômico entre o início da Idade Média, com Santo Agostinho e o final da Idade Média com São Tomás de Aquino.
- 2) Explique, com suas palavras, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino compreendiam a relação entre fé e razão.
- 3) Você acredita que a fé e a razão podem coexistir na busca por respostas sobre a existência de Deus? Justifique sua resposta.
- 4) Pesquise – em outras fontes - uma das cinco vias de São Tomás de Aquino para provar a existência de Deus. Descreva-a resumidamente e diga se ela foi ou não convincente.

Outras sugestões de atividades

Para debate: É possível a razão prevalecer, sempre, sobre a fé? Forme dois grupos, um defendendo que é possível e outro defendendo que é impossível.

Para encenação: Imagine um encontro entre Santo Agostinho e São Tomás de Aquino onde o primeiro orienta o segundo sobre como lidar com as influências do capitalismo nascente e com o protestantismo sem que a Igreja Católica perdesse seu poder.

Mapa mental: Faça um mapa conectando os principais filósofos medievais (cristãos, islâmicos e judeus) e suas ideias sobre a relação entre razão e fé.

4. A FILOSOFIA NA MODERNIDADE

Pouco mais de 200 anos após a morte de São Tomás de Aquino, teve início uma época de transformações radicais no mundo europeu que marcou o fim da Idade Média. Foi o *Renascimento* ou *Renascença*.

O mercantilismo leva à descoberta de novas terras - a América, o caminho para as Índias, a rota do Pacífico -, e isto propicia a acumulação de riquezas pelas nações em formação, como França, Itália, Espanha e Inglaterra. Nesse período dá-se, também, um processo de valorização do homem e a liberdade de expressão de ideias. Além disso, as transformações ocorrem em todos os setores da produção humana: (1) Por volta de 1300, Dante escreve *A Divina Comédia*. (2) Entre 1475 e 1478, Leonardo da Vinci pinta o quadro *Anunciação*. (3) Em 1484, Boticelli pintou o *Nascimento de Vênus*. (4) Em 1501, Michelangelo esculpe o *Davi*. (5) Em 1513, Maquiavel escreveu *O Príncipe*, obra clássica da política (Bock, Furtado e Teixeira, 1999).

O Renascimento trouxe uma visão renovada da dignidade e do potencial humano, influenciada por ideias humanistas. Embora a sociedade ainda fosse amplamente patriarcal, o humanismo enfatizava a importância da razão, da virtude e da individualidade, valores que os artistas e escritores incorporaram em suas obras.

Todas essas produções, citadas acima, mostraram que a Arte, a Filosofia e as Ciências são dinâmicas e não podem subordinar-se aos caprichos e interesses das autoridades e de uma determinada classe social como até então eram vistas.

A arte renascentista foi uma ponte entre o mundo medieval e o moderno, catalisando transformações na Filosofia e na visão do homem e da mulher. Por meio de suas representações visuais, a arte ajudou a consolidar o ideal humanista, promovendo uma visão mais positiva, digna e complexa do ser humano. Ao mesmo tempo, ao explorar a beleza, a proporção e a natureza humana, também abriu caminho para debates mais amplos sobre o papel da

mulher e a relação entre o humano e o divino. Assim, a arte do Renascimento foi tanto um reflexo quanto um motor de profundas mudanças culturais e filosóficas.

Os governos ditatoriais depreciam ou controlam a arte e a filosofia porque essas áreas têm o potencial de questionar as autoridades, desafiar narrativas oficiais e promover a liberdade de pensamento. Esses regimes tendem a priorizar a obediência e veem na arte e na filosofia uma ameaça às suas estabilidades no poder. A arte e a filosofia sempre promovem o pensamento crítico e os ditadores, que querem se perpetuar no poder, fazem de tudo para que o povo não pense.

Por ser subjetiva e emotiva, a arte pode revelar contradições sociais e políticas, inspirando as pessoas a refletir e, potencialmente, resistir. Obras literárias, visuais e performáticas podem criticar o regime de maneira simbólica, driblando censuras diretas.

A Filosofia questiona as bases da autoridade, a justiça e os direitos humanos, temas que frequentemente expõem a arbitrariedade e as injustiças de regimes autoritários.

Ao contrário da propaganda, que muitas vezes reforça a obediência e a uniformidade, a arte e a filosofia têm o poder de desestabilizar a narrativa oficial, dar voz aos marginalizados e inspirar mudanças sociais. Por isso, essas formas de expressão são frequentemente alvo de censura ou instrumentalização em contextos autoritários.

4.1 A filosofia na renascença: a valorização do homem

No campo filosófico a renascença é marcada pela descoberta de obras de Platão desconhecidas na Idade Média, de novas obras de Aristóteles, bem como pela recuperação das obras dos grandes autores e artistas gregos e romanos.

Segundo Chauí (2000) são três as grandes linhas de pensamento que predominavam na Renascença.

Neoplatonismo - proveniente de Platão. Nela se destacava a ideia da Natureza como um grande ser vivo; o homem faz parte da Natureza como um microcosmo, como espelho do Universo inteiro, e pode agir sobre ela através da magia natural, da alquimia e da astrologia, pois o mundo é constituído por vínculos e ligações secretas (a simpatia) entre as coisas. Por fim, o homem pode, também, conhecer esses vínculos e criar outros, como um deus.

Ideal republicano originário dos pensadores florentinos, que valorizava a vida ativa, isto é, a política, e defendia os ideais republicanos das cidades italianas contra o Império Romano-Germânico, isto é, contra o poderio dos papas e dos imperadores. Na defesa do ideal republicano, os escritores resgataram autores políticos da Antiguidade, historiadores e juristas, e propuseram a “imitação dos antigos” ou o renascimento da liberdade política, anterior ao surgimento do império eclesiástico.

O homem como artífice de seu próprio destino, tanto através dos conhecimentos das Ciências, da Arte e da Filosofia, quanto através da política, o ideal republicano, das técnicas da medicina, da arquitetura, da engenharia, da navegação e das artes como a pintura, escultura, literatura e o teatro.

Para Aranha (1998), Chauí (2000) a efervescência teórica e prática foi alimentada com as grandes descobertas marítimas, que garantiam ao homem o conhecimento de novos mares, novos céus, novas terras e novas gentes, permitindo-lhe ter uma visão crítica de sua própria sociedade. Essa efervescência cultural e política levou a críticas profundas à Igreja Romana, culminando na Reforma Protestante, baseada na ideia de liberdade de crença e de pensamento. À Reforma a Igreja respondeu com a Contrarreforma e com o recrudescimento do poder da Inquisição.

Os nomes mais importantes desse período são: Dante, Marcílio Ficino, Giordano Bruno, Campanella, Maquiavel, Montaigne, Erasmo, Tomás Morus, Jean Bodin, Kepler e Nicolau de Cusa.

4.2 O racionalismo clássico

O período que vai do século XVII à metade do século XVIII é conhecido como o Grande Racionalismo Clássico, é marcado por três grandes mudanças intelectuais.

A primeira refere-se ao surgimento do conhecimento científico. Foi o período em que a Filosofia começa indagando qual é a capacidade do intelecto humano para conhecer e demonstrar a verdade dos conhecimentos. “Em outras palavras, a Filosofia começa pela reflexão, isto é, pela volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer sua capacidade de conhecer” (Chauí, 2000, p. 56).

O ponto de partida foi o sujeito do conhecimento como consciência que conhece sua capacidade de conhecer. “O sujeito do conhecimento é um intelecto no interior de uma alma, cuja natureza ou substância é completamente diferente da natureza ou substância de seu corpo e dos demais corpos exteriores” (Chauí, 2000, p. 56). Nesse período as perguntas filosóficas giravam em torno de como o homem pode conhecer o que é diferente dele.

A segunda foi a grande mudança intelectual dos modernos em relação ao conhecimento. Para os modernos, as coisas exteriores (a Natureza, a vida social e política) podem ser conhecidas desde que sejam consideradas representações, ou seja, idéias ou conceitos formulados pelo sujeito do conhecimento.

Segundo Chauí (2000) isso significa, por um lado, que tudo o que pode ser conhecido pode ser transformado num conceito ou numa ideia clara, demonstrável e necessária, formulada pelo intelecto. Por outro lado, que a Natureza e a sociedade ou política podem ser inteiramente conhecidas pelo sujeito, porque elas são inteligíveis em si mesmas, isto é, são racionais em si mesmas e possíveis de serem representadas pelas ideias do sujeito do conhecimento.

Essa concepção da realidade como intrinsecamente racional e que pode ser plenamente captada pelas idéias e conceitos preparou a terceira grande mudança intelectual moderna descrita a seguir.

Terceira refere-se ao fato de que a realidade, a partir de Galileu, é concebida como um sistema racional de mecanismos físicos, cuja estrutura profunda e invisível é matemática. O “livro do mundo”, diz Galileu, “está escrito em caracteres matemáticos.”

A realidade, concebida como sistema racional de mecanismos físico-matemáticos, deu origem à ciência clássica, isto é, à mecânica, por meio da qual são descritos, explicados e interpretados todos os fatos da realidade: astronomia, física, química, psicologia, política, artes são disciplinas cujo conhecimento é de tipo mecânico, ou seja, de relações necessárias de causa e efeito entre um agente e um paciente (Chauí, 2000).

A realidade, portanto, é um sistema de causalidades racionais que podem ser conhecidas e transformadas pelo homem. Nasce, assim, a ideia de experimentação e de tecnologia, mas guiada por um corpo de conhecimento teórico que orientará as intervenções práticas. Com isso nasce, também, o ideal de que o homem poderá dominar tecnicamente a Natureza e a sociedade. “Predomina, assim, nesse período, a ideia de conquista científica e técnica de toda a realidade, a partir da explicação mecânica e matemática do Universo e da invenção das máquinas, graças às experiências físicas e químicas” (Chauí, 2000, p. 57).

A partir dessa ideia de realidade e de ciência nasce a convicção de que a razão humana é capaz de conhecer a origem, as causas e os efeitos das paixões e das emoções e, pela vontade orientada pelo intelecto, é capaz de governá-las e dominá-las. Podemos afirmar que a ciência caminha para o entendimento do psiquismo humano abrindo possibilidades para a criação da ciência psicológica.

A mesma convicção orienta o racionalismo político, isto é, a ideia de que a razão é capaz de definir para cada sociedade qual o melhor regime político e como mantê-lo racionalmente.

Segundo Chauí (2000) o Racionalismo Clássico foi o período da história da Filosofia em que mais houve confiança nas capacidades e nos poderes da razão humana.

Os principais pensadores desse período foram: Francis Bacon, Descartes, Galileu, Pascal, Hobbes, Espinosa, Leibniz, Malebranche, Locke, Berkeley, Newton, Gassendi.

4.3 A filosofia do iluminismo

Comumente os historiadores definem o século XVII como o *Século das Luzes* em referência ao surgimento do Iluminismo, um movimento intelectual que surgiu na Europa no século XVIII. Na verdade, esse movimento iniciou-se dos meados do século XVIII ao começo do século XIX. O Iluminismo tinha como ponto central a defesa da razão e da ciência para guiar a humanidade e explicar os fenômenos da natureza. Por conta disso, os iluministas foram grandes defensores da ciência e contribuíram para o desenvolvimento científico nesse período.

Segundo Chauí (2000) os pensadores desse período também creem nos poderes da razão, chamada de **As Luzes** - por isso, o nome Iluminismo. O Iluminismo afirma que:

a) Pela razão, o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade social e política. A Filosofia da Ilustração foi decisiva para as ideias da Revolução Francesa de 1789.

b) A razão é capaz de evolução e progresso, e o homem é um ser perfectível. A perfectibilidade consiste em liberar-se dos preconceitos religiosos, sociais e morais, em libertar-se da superstição e do medo, graças aos conhecimentos, às ciências, às artes e à moral.

c) O aperfeiçoamento da razão se realiza pelo progresso das civilizações, que vão das mais atrasadas - também chamadas de *primitivas* ou *selvagens* - às mais adiantadas e perfeitas - as da Europa Ocidental.

d) Existe diferença entre Natureza e civilização. A Natureza é o reino das relações necessárias de causa e efeito ou das leis naturais universais e imutáveis, enquanto a civilização é o reino da liberdade e da finalidade proposta pela vontade livre dos próprios homens, em seu aperfeiçoamento moral, técnico e político.

Nesse período houve um acentuado interesse pelas ciências que se apresentava como sinônimo de evolução e, por isso, a biologia terá um lugar central no pensamento ilustrado, pertencendo ao campo da filosofia da vida. Há igualmente grande interesse e preocupação com as artes, na medida em que elas são as expressões por excelência do grau de progresso de uma civilização.

Nesse período deu-se, também, o interesse pela compreensão das bases econômicas da vida social e política, surgindo uma reflexão sobre a origem e a forma das riquezas das nações, com uma controvérsia sobre a importância maior ou menor da agricultura e do comércio, controvérsia essa que deu origem a duas correntes de pensamento econômico: (1) a **corrente fisiocrata** que defende a agricultura é a fonte principal das riquezas; (2) e a **corrente mercantilista** que defende o comércio é a fonte principal da riqueza das nações.

Os principais pensadores do período foram: Hume, Voltaire, D'Alembert, Diderot, Rousseau, Kant, Fichte e Schelling (embora este último costume ser colocado como filósofo do Romantismo).

O entendimento que temos hoje de ciência começou a ser elaborado desde o fim da Idade Média, mas só atingiu sua primeira configuração sólida no século XVII, principalmente com Galileu Galilei. Esse **momento** da história do pensamento científico é chamado por alguns pesquisadores de Revolução Científica do século XVII.

QUADRO 04 - Todo o pensamento moderno procede da cosmovisão grega...

Os elementos fundamentais do modo de pensar grego se incorporaram definitivamente ao pensamento ocidental,

permanecendo até hoje. Assim, no Renascimento há uma crítica ao pensamento medieval, a escolástica e, aparentemente, à filosofia aristotélico-tomista que a fundamentava. Mas isso é só aparência. Na realidade, a crítica renascentista era uma retomada ainda mais apurada do naturalismo e do racionalismo dos gregos, livrando-os dos elementos metafísicos e teológicos que ainda os limitavam. A força desse movimento é tão grande que o próprio protestantismo, ao pleitear o livre exame da consciência, nada mais fazia do que reforçar o racionalismo e o individualismo. Mas, de modo particular, a ciência é fruto acabado do naturalismo e do racionalismo gregos. Ela surge em decorrência direta da convicção dos pensadores modernos de que o mundo constituído de acordo com leis racionais, "geometricamente", pode ser perfeitamente lido e manipulado pela razão humana, mediante um atento trabalho de observação e de raciocínio matemático, sem ter que se recorrer a qualquer outro tipo de ajuda ou de inspiração (Severino, 2007, p. 52).

Fonte: Severino, A. J. **Filosofia**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

Exercícios/Atividades

- 1) Qual a importância do mercantilismo, das artes plásticas e da literatura para o desenvolvimento da Filosofia na modernidade?
- 2) Por que os governos ditatoriais depreciam ou controlam a arte e a filosofia?
- 3) Elabore um mapa conceitual contendo as principais linhas de pensamento que predominavam na Renascença.

5. A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

A Filosofia contemporânea iniciou-se nos anos finais do século XVIII, atingiu sua maior expressão no século XIX e continua se desenvolvendo até o momento. O século XIX, segundo Chauí (2000), foi o século da descoberta da História ou da historicidade do homem, da sociedade, das ciências e das artes. O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) afirma que a História é o modo de ser da razão e da verdade, o modo de ser dos seres humanos e que, portanto, somos seres históricos. Hegel, defendia que os seres humanos, as sociedades, as ciências, as artes e as técnicas melhoram com o passar do tempo. Nesse sentido, o ser humano, em sua vivência diária, acumula conhecimento, aperfeiçoando-se cada vez mais, de modo que o presente é melhor e superior, se comparado ao passado, e o futuro será melhor e superior, se comparado ao presente.

Hegel concebeu uma filosofia que valoriza a história, a evolução, a transformação. Para ele, o real no seu conjunto e todas as coisas em particular só existem num processo contínuo de mudança e, o que é mais importante, trata-se de uma evolução por contradição. Ou seja, através de um processo dialético. “As coisas vão evoluindo, vão mudando porque no seu próprio interior elas contêm sua própria negação, cada coisa sendo, portanto, ao mesmo tempo, igual a si mesma e ao seu contrário!” (Severino, 2007, p. 135). Por isso, todas elas são atravessadas por um conflito interno, a luta dos contrários, que as obriga a mudar, passando sempre por um momento de afirmação, por um momento de negação e por um momento de superação, cada um deles se posicionando em relação ao seu anterior. É a famosa concepção da tríade dialética: a tese, a antítese e a síntese.

Essa visão otimista de progresso também foi defendida pelo filósofo francês Augusto Comte (1798-1857) que atribuía o progresso ao desenvolvimento das ciências positivas. “Essas ciências permitiriam aos seres humanos ‘saber para prever, prever para prover’, de modo que o

desenvolvimento social se faria por aumento do conhecimento científico e do controle científico da sociedade” (Chauí, 2000, p. 59). É de Comte a ideia de *Ordem e Progresso* que viria a fazer parte da bandeira do Brasil republicano em 1889.

No século XIX, a Filosofia afirmava a confiança plena e total no saber científico e na tecnologia para dominar e controlar a Natureza, a sociedade e os indivíduos. Essa confiança vinha da confiança que a Filosofia creditava às ciências, às técnicas e ao entusiasmo dos filósofos com a Segunda Revolução Industrial e com o surgimento das novas ciências sociais, inclusive às desmembradas da Filosofia como a Sociologia e a Psicologia. Acreditava-se, por exemplo, que a Sociologia nos ofereceria um saber seguro e definitivo sobre o modo de funcionamento das sociedades e que os seres humanos poderiam organizar racionalmente o social, evitando revoluções, revoltas e desigualdades.

Da mesma forma, acreditava-se que a Psicologia explicaria, de forma objetiva, como é a mente humana e como funciona, quais as causas dos comportamentos e os meios de controlá-los, quais as causas das emoções e os meios de controlá-las, de tal modo que seria possível livrar-nos das angústias, do medo, dos adoecimentos psíquicos, assim como seria possível uma pedagogia baseada nos conhecimentos científicos e que permitiria não só adaptar perfeitamente às crianças às exigências da sociedade, como também educá-las segundo as vocações e potencialidades psicológicas de cada uma.

No entanto, no século XX, os filósofos começaram a refletir sobre a quem o desenvolvimento científico-tecnológico do século anterior estava servindo. Essa reflexão foi decorrente de acontecimentos como as guerras mundiais, o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, os campos de concentração nazistas, as guerras da Coréia, do Vietnã, do Oriente Médio, do Afeganistão, as invasões comunistas da Hungria e da Tchecoslováquia, as ditaduras sangrentas da América Latina, incluindo as do Brasil, a devastação

de mares, florestas e terras, os perigos cancerígenos de alimentos e remédios, o aumento de distúrbios e sofrimentos mentais, e outros.

A partir daí, surgiram várias escolas de pensamento que passaram a fazer uma crítica ao acúmulo de riquezas por parte de poucos em detrimento da subjugação e exploração à maioria da população.

Uma dessas escolas de pensamento foi a Escola de Frankfurt, que elaborou uma concepção conhecida como Teoria Crítica, na qual distingue duas formas de razão: a **razão instrumental** e a **razão crítica**.

De acordo com Chauí (2000) a razão instrumental é a razão técnico-científica, que faz das ciências e das técnicas não um meio de liberação dos seres humanos, mas um meio de intimidação, medo, terror e desespero. Ao contrário, a razão crítica é aquela que analisa e interpreta os limites e os perigos do pensamento instrumental e afirma que as mudanças sociais, políticas e culturais só se realizarão verdadeiramente se tiverem como finalidade a emancipação do gênero humano e não as ideias de controle e domínio técnico-científico sobre a Natureza, a sociedade e a cultura.

No século XIX os filósofos acreditaram que, enfim, os seres humanos haviam alcançado a maioridade racional, e que a razão se desenvolvia plenamente para que o conhecimento completo da realidade e das ações humanas fosse atingido. No entanto, em meados do século XIX Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) desenvolveram o Materialismo Histórico e Sigmund Freud (1856-1939), no início do século XX, com a Psicanálise, puseram em questão esse otimismo racionalista. Marx e Freud, cada um em seu campo de investigação e voltados para diferentes aspectos da ação humana, fizeram descobertas que, até o momento, continuam levantando questões filosóficas.

Marx descobriu que temos a ilusão de estarmos pensando e agindo com nossa própria cabeça e por nossa própria vontade, racional e livremente, de acordo com nosso entendimento e nossa liberdade, porque desconhecemos um poder invisível que nos força a pensar como pensamos e agir como agimos. A esse poder - que é social - ele deu o nome de **ideologia** (Chauí, 2000, p. 63).

Freud, por sua vez, mostrou que os seres humanos têm a ilusão de que tudo quanto pensam, fazem, sentem e desejam, tudo quanto dizem ou calam estaria sob o controle de nossa consciência porque desconhecemos a existência de uma força invisível, de um poder - que é psíquico e social - que atua sobre nossa consciência sem que ela o saiba. A esse poder que domina e controla invisível e profundamente nossa vida consciente, ele deu o nome de **inconsciente** (Chauí, 2000, p. 63).

Diante dessas, e outras duas descobertas, a Filosofia se viu forçada a reabrir a discussão sobre o que é razão e o que é a consciência reflexiva ou o sujeito do conhecimento.

Vamos, aqui, traçar um quadro geral das principais ideias que caracterizam as correntes de pensamento contemporâneo: o *Positivismo*, a *Fenomenologia* e o *Marxismo*. Precisamos, no entanto, deixar claro, que estas não são as únicas vertentes de pensamento deste período, mas as que estão mais têm orientado nossa vida econômica, política, social e educacional.

5.1 O Positivismo

O Positivismo é uma corrente de pensamento filosófico que surgiu na Europa, mais precisamente na França, entre os séculos XIX e XX. Desenvolvida pelo pensador Auguste Comte (1798-1857), defendia que o conhecimento científico era a única forma de conhecimento válido. No campo da Filosofia é o sistema que se propõe a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas.

Esta vertente de pensamento, apesar de atribuímos seu surgimento às ideias de Augusto Comte no século XIX, suas raízes já são perceptíveis no empirismo na Antiguidade. Mas as bases concretas dele estão nos séculos XVI, XVII e XVIII, com Francis Bacon (1561-1626) Thomas Hobbes (1588-1679) e David Hume (1711-1776). Porém, Comte, segundo Triviños (1987), de fato, contribuiu significativamente com o pensamento positivista ao acrescentar-lhe três preocupações fundamentais ao campo do conhecimento. Primeiro

com a inclusão da filosofia da história, na qual encontramos as bases de sua filosofia positivista e sua célebre "lei dos três estados" que marcaram as fases da evolução do pensar humano: teológico, metafísico e positivo. Segundo a fundamentação e classificação das ciências (Matemática, Astronomia, Física, Química, Fisiologia e Sociologia). Terceiro com a elaboração de uma disciplina para estudar os fatos sociais, a Sociologia que, num primeiro momento, ele denominou física social.

Também elaborou o esquema de uma religião da humanidade. Pensava ele que a pregação moral abrandaria os capitalistas e, assim, seriam mais humanos com os proletários e as mulheres, eliminando os conflitos de classes, mantendo, porém, a propriedade privada.

Mesmo reconhecendo que os princípios que regulam o mundo físico e o mundo social se diferenciam quanto à essência, Comte adota como primeiro princípio teórico a tentativa de pautar os métodos das Ciências Humanas e Sociais à luz do das Ciências Naturais e chegar à mesma objetividade e ao mesmo êxito nas formas de controle sobre os fenômenos estudados por essas ciências. Foi a chamada unidade metodológica: tanto os fatos naturais como os sociais deveriam ser submetidos ao mesmo método.

Embora Comte seja uma figura muito evidente no positivismo, Émile Durkheim (1858-1917) é apontado como um dos seus primeiros grandes teóricos. Ele e seus colaboradores se esforçaram para emancipar a sociologia como ciência. Não só conseguiram esse objetivo, como também reforçaram o positivismo como enfoque de pesquisa.

Para Durkheim, e para os positivistas em geral, a atividade científica exige que o pesquisador mantenha distância e neutralidade em relação ao objeto, para resguardar a objetividade de sua análise. Defendia que o pesquisador teria que abster-se de seus valores e sentimentos pessoais em relação ao objeto estudado, porque o envolvimento nada tem de científico. Ao contrário, distorce a realidade. Portanto, para o positivismo, a primeira postura do pesquisador é não se envolver afetivamente ou nutrir qualquer

outro sentimento em relação ao objeto pesquisado. A neutralidade exige também a não interferência do pesquisador no fato observado.

De acordo com Costa (2010) Durkheim defendia que, ao estudar, por exemplo, uma disputa entre grupos rivais, o pesquisador não deveria se envolver e nem permitir que seus valores interferissem na objetividade de sua análise. Para ele, a pesquisa exigia a eliminação de quaisquer traços de subjetividade, além de uma atitude de distanciamento.

As principais críticas direcionadas ao positivismo são direcionadas às suas ideias básicas: (1) Considera a realidade como formada por partes isoladas, opostas à ideia de integração. Essa visão tem levado os pesquisadores a realizarem pesquisas em educação desvinculadas da realidade que causa os fatos. (2) Não aceita outra realidade que não seja os fatos que possam ser observados e comprovados. Isso dificulta a pesquisa no âmbito das ciências sociais e humanas, pois essas ciências trabalham com campos altamente subjetivos. (3) Não aceita as causas dos fenômenos, porque isso não era positivo, não era tarefa da ciência. Esse ponto também é discutível nas ciências sociais e humanas porque não existe fenômeno social sem causas. (4) Só é verdadeiro o fenômeno que pode ser submetido à verificação. Essa busca de objetividade eliminou a possibilidade de colocar a ciência a serviço das necessidades humanas, para resolver problemas práticos.

5.2 A fenomenologia

A fenomenologia surgiu no final do século XIX e ganhou impulso no início do século XX, na Alemanha, por Edmundo Husserl (1859-1938), que recebeu influências do pensamento de Platão, René Descartes (1596-1650) e Franz Brentano (1838-1917). Entre os pensadores que sofreram a influência do pensamento husserliano, podem-se destacar: Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty. Além da Europa, a

fenomenologia teve repercussão nos Estados Unidos e na atualidade, existe em todos os continentes

O termo *fenomenologia* origina-se do grego e é composto por duas partes: *Fenômeno*- aquilo que se mostra a nós, primeiramente, pelos sentidos e *Logia*- capacidade de refletir. Portanto, fenomenologia significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado, buscando explorá-lo. “A própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno” (Silva; Lopes e Diniz, 2008, p. 255).

É uma filosofia que busca fundamentar, em novas exigências, as condições da ciência. Pretende-se conhecer onde o saber científico de uma ciência concreta ou empírica ganha apoio, tendo como ponto de partida os dados imediatos da consciência, a raiz de que se alimenta. Por isso seu estilo é voltado para o interrogativo, o radicalismo e o inacabamento essencial existente no fenômeno.

Do ponto de vista filosófico vem de uma tendência do idealismo filosófico, e, dentro deste, vinculado ao idealismo subjetivo (Triviños, 1987). Após a Segunda Guerra Mundial a fenomenologia influenciou muitas correntes de pensamento em razão de ela valorizar sentimentos como pertença e solidariedade. A fenomenologia nos instiga a indagar em nome de quem as pessoas estão vivendo no mundo. Qual é a obra delas e que legados querem deixar.

Das idéias de Brentano, a fenomenologia recebeu um de seus principais fundamentos: a intencionalidade. Para ele, o psiquismo humano está sempre direcionado para algo. É intencional. A fenomenologia, basicamente, é o estudo das essências, das percepções e dos sentimentos.

Seu principal mérito é ter questionado os conhecimentos do positivismo e ter elevado a importância do sujeito no processo da construção do conhecimento.

No campo da pesquisa a fenomenologia apresenta as seguintes idéias básicas: (1) A intencionalidade como consciência que está dirigida a um objeto. Reconhece o princípio de que não existe objeto sem sujeito. (2) É o estudo das essências, da percepção, da consciência, da solidariedade, das percepções e dos sentimentos. (3) Ao invés de estabelecer uma hipótese inicial, em seu lugar, coloca o questionamento. (4) Redução do fenômeno: estuda-se muito de pouco e não pouco de muito. (5) A generalização: as formulações a respeito do conhecimento não devem ser válidas apenas para o sujeito que faz as afirmações sobre o conhecimento, mas para todos. A busca do fenômeno tem isolado os componentes históricos do mesmo. Nisso a fenomenologia é conservadora (como o positivismo). Ela estuda a realidade com o desejo de descrevê-la, de apresentá-la tal como ela é de forma estática. Por isso, na pesquisa, eleva o ator (o sujeito respondente), com suas percepções dos fenômenos. O pesquisador fenomenológico não está interessado em denunciar ideologias. Respeita o pensamento dos atores sociais. Mas não aborda os conflitos das classes sociais e das *mudanças estruturais* da sociedade.

5.3 O Marxismo

O marxismo foi estruturado de 1840 a 1850 por Karl Marx e Friedrich Engels. Talvez seja a corrente de pensamento mais revolucionária e, por isso, a mais polêmica de todos os tempos. “É também um dos pensamentos mais difíceis de compreender, explicar ou sintetizar, pois Marx produziu muito, suas ideias se desdobram em várias correntes e foram incorporadas por inúmeros teóricos” (Costa, 2010, p. 83). “De acordo com o quadro geral de referência em relação ao problema fundamental da Filosofia, o marxismo inclui-se como uma tendência dentro do materialismo filosófico que, como sabemos, apresenta várias linhas de pensamento” (Triviños, 1987, p. 49).

As raízes da concepção do mundo de Marx estão unidas às ideias de Georg Friedrich Hegel. O idealismo objetivo de Hegel acreditava que todos

os fenômenos da natureza e da sociedade tinham sua base na Ideia Absoluta. Mas, ao invés de vincular-se ao espírito absoluto hegeliano, Marx desenvolveu suas ideias dentro de uma concepção materialista do mundo. Embora tenha tomado de Hegel várias ideias que foram fundamentais para o marxismo, como, por exemplo, o conceito de alienação e da dialética da compreensão da realidade.

Para Marx, a realidade natural e social de fato evolui por contradição, ou seja, são os conflitos internos dos objetos e das situações que provocam as mudanças que ocorrem então dialeticamente (Severino, 2007). Mas isso não significa que a história vai acontecer independentemente da interferência dos homens. Ao contrário, a intervenção dos homens, através de sua prática, é indispensável e fundamental.

É por isso que a filosofia de Marx se propõe como uma *filosofia da práxis*, de transformação. Isto é, a atividade reflexiva, o conhecimento, o trabalho teórico dos homens não têm por finalidade apenas especular sobre o sentido das coisas, mas justamente fundamentar sua ação concreta com vistas a organizar a vida social. Segundo Marx, os filósofos não devem apenas interpretar o mundo, porque o que realmente importa é transformá-lo.

Com o objetivo de entender o capitalismo, Marx produziu obras no campo da Filosofia, da Economia e da Sociologia. Sua intenção, porém, não era apenas contribuir para o desenvolvimento das ciências, mas propor uma ampla transformação política, econômica e social. Sua principal obra, *O capital*, destina-se a todos, não apenas aos estudiosos da economia, da política e da sociedade. Este é um aspecto singular do marxismo. Há um alcance mais amplo de suas formulações, que adquiriram dimensões de ideal revolucionário e ação política efetiva. As contradições do capitalismo e as possibilidades de superação apontadas pelas obras de Marx não puderam ser ignoradas, principalmente para as ciências humanas e sociais.

Tem a pretensão de ser a teoria orientadora de revolução do proletariado. Recomenda-se o estudo das leis mais gerais que regem a natureza, a sociedade e o pensamento e como a realidade objetiva se reflete

na consciência. Para tanto, coloca a prática social como critério de verdade, ao focar historicamente o conhecimento em relevo a interconexão do relativo e do absoluto.

Segundo Triviños (1987) o marxismo incorpora precisamente, três ideias principais: o materialismo dialético, o materialismo histórico e a economia política.

O Materialismo Dialético é a base filosófica do marxismo na busca de explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento. Essa base tem uma longa tradição na filosofia materialista, mas se apoia na antiga concepção de evolução das ideias e na interpretação dialética do mundo.

A palavra dialética, na sua tentativa de explicação, tem recebido as mais diversas e controvertidas explicações ao longo da história do pensamento. Talvez pelo fato de ela representar a contradição principal de cada fenômeno em estudo. Mas, do ponto de vista do estudo dos fenômenos sociais, ela apresenta-se como a mais completa em função de exigir que se analisem esses fenômenos sob todos os aspectos. Entende que para se conhecer, realmente, um fenômeno, é preciso que ele seja estudado sob todos os seus aspectos, todas as suas relações e mediações.

Conforme Barros e Lehfeld (2014) deve-se considerar o objeto no seu desenvolvimento, no seu movimento próprio e na sua transformação. São elementos da dialética: a) Análise do desenvolvimento das coisas, do seu movimento, tendências e contradições. b) Exposição dos objetos como soma e unidade de contrários. c) Totalidade concreta: união da análise e da síntese. d) Lei da interdependência universal: cada coisa se encontra ligada às outras; existem relações múltiplas e universais. e) O método da investigação é sócio histórico (regressivo) e da exposição é sistêmico (progressivo). f) Baseia-se num processo infinito de descoberta de novos aspectos, de aprofundamento e de conhecimento das coisas, passando-se do fenômeno à essência.

O Materialismo Histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida em sociedade, sua evolução

histórica e estudo da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade.

Para o marxismo, a história não é resultado das ideologias e da presença dos “heróis”. É resultado das formações socioeconômicas e das relações de produção. Esclarece termos como: a) *Meios de produção*: tudo que os homens empregam para gerar bens materiais (máquinas, ferramentas, energias, matérias-primas). b) *Forças produtivas*: condições naturais e históricas de toda atividade produtiva que ocorre na sociedade. c) *Relações de produção*: formas como os homens se organizam para realizar a atividade produtiva. d) *Modos de produção*: historicamente se indicam cinco modos de produção: comunismo primitivo, escravista, feudalista, capitalista e comunista.

O materialismo histórico apresenta três características importantes: a) *Materialidade do mundo*: todos os fenômenos, objetos e processos que se realizam na realidade são materiais. b) *A matéria é anterior à consciência*: isso significa reconhecer que a consciência é um reflexo da matéria. c) *O mundo é reconhecível*: há possibilidade de o homem conhecer a realidade.

Essa possibilidade se dá de forma gradual. No começo o homem conhece o fenômeno ou processo por sua qualidade. Depois conhece a essência e a causa.

O marxismo, até o momento, é a corrente filosófica que, de forma mais profunda, estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida em sociedade, sua evolução histórica, por estudar a prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade.

Exercícios/Atividades

1) No século XIX os filósofos acreditaram que, enfim, os seres humanos haviam alcançado a maioria racional, e que a razão se desenvolvia plenamente. No entanto, pensadores como Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895) e Sigmund Freud (1856-1939) discordaram desses

filósofos. Então, considerando as ideias que têm permeado a nossa atualidade (fanatismo religioso, o terraplanismo e a negação das ciências), quem estava certo, os filósofos ou Marx, Engels e Freud?

2) Elabore um mapa conceitual contendo as principais teses do Positivismo, da Fenomenologia e do marxismo.

6. PALAVRAS FINAIS: MAS, PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

A Professora Marilena Chauí, na sua obra *Convite à Filosofia*, faz uma reflexão simples, mas muito pertinente. Ela afirma que ninguém indaga, por exemplo, para que serve a matemática ou a física? Para que geografia ou geologia? Para que história ou sociologia? Para que biologia ou psicologia? Para que astronomia ou química? Para que pintura, literatura, música ou dança? Mas todo mundo acha muito natural perguntar para que serve a Filosofia.

Essa pergunta é bastante capciosa porque quem a faz, tem uma intenção muito clara, que é depreciar o papel da Filosofia na formação do sujeito humano. Assim, o ato de indagar sobre o que é a Filosofia e de afirmar que ela não serve para nada demonstra duas situações bastante prejudiciais. A primeira é que em nossa cultura, e em nossa sociedade, costuma-se considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, visível e de utilidade imediata (Chauí, 2000). Nesse sentido a realidade é apenas o que está aí, posto na nossa frente, resumindo-se ao que nós vemos, apalpamos ou que tem uma utilidade prática imediata. A segunda, que é sustentação da primeira, é a tentativa de desclassificar o conhecimento filosófico porque a Filosofia leva o indivíduo a pensar e questionar as coisas. E quanto mais a massa não pensa, quanto mais não questiona e nem sabe questionar, mais fácil é governar e usar os recursos públicos em benefício próprio porque ninguém vai incomodá-los. Todos os governos ditadores e corruptos, como já afirmamos, perseguem pessoas que raciocinam e enxergam além das aparências. Então, a Filosofia é inimiga dessas pessoas.

Quando alguém diz que a Filosofia não serve para nada, está tentando esconder que quem entende de Filosofia sabe fazer uma análise de

conjuntura²⁶ e que sabe fazer uma análise de conjuntura tem, sempre, a possibilidade de fazer as melhores escolhas na vida e na profissão. E a Filosofia nos ensina a analisar, de forma lógica, a realidade na qual estamos inseridos.

A filosofia se volta para o estudo das várias formas de conhecimento: percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, experiência e das várias formas de escutar a si próprio e entender os vários comportamentos externos do ser humano como expressão da vontade

Para realizar o seu trabalho a Filosofia analisa e interpreta o significado de ideias como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, verdade, falsidade, humanidade, religião, temporalidade, espacialidade.

Espero que este trabalho lhe ofereça uma análise profunda, reflexiva e bem fundamentada sobre questões fundamentais da existência humana, do conhecimento, da ética, da política, entre outros temas. Principalmente que lhe desafie, lhe ilumine, que lhe ajude a pensar mais profundamente sobre o mundo, sobre suas crenças e sobre o sentido da vida.

²⁶ **Você sabe o que é uma análise de conjuntura?** É um instrumento metodológico da Ciência Política, que serve para interpretar os eventos, os quais surgem da ação dos atores sociais em específicos contextos. A análise de conjuntura é muito usada em áreas como ciência política, sociologia, economia e planejamento estratégico. Ela exige objetividade, dados confiáveis e uma visão crítica para interpretar os acontecimentos e propor cenários futuros (Virgens; Teixeira, 2023).

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1998.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira e LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

BOCK, Ana Maria Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. V. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 2010.

EISBERG, Robert. **Física Quântica: átomos, moléculas, sólidos, núcleos e partículas**. Porto Alegre: L&MP, 1979.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FLORENTINO NETO, Antonio. **O nada absoluto e a superação do niilismo: os fundamentos filosóficos da Escola de Kyoto**. Cachoeirinha-RS: 2013.

FRAME, John M. **História da Filosofia e Teologia Ocidental**. São Caetano do Sul. Edições Vida Nova, 2023.

FRANCOJUNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2001.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mudo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

GRIMAL, Pierre. **História de Roma**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GUARESCH, Pedrinho. **Sociologia crítica: alternativas de mudanças**. 61. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2008.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

KELLER, Vicente; BASTOS, Cleverson L. **Aprendendo Lógica**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MENDES, Ademar A. P. *et al.* **Filosofia**. Curitiba, SEED-PR, 2006.

MARCONDES, Danilo. **Sócrates e os sofistas: uma iniciação à filosofia**. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2016a.

MARCONDES, Danilo. Rio de Janeiro **O surgimento da filosofia na Grécia antiga: uma iniciação à filosofia**. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2016b.
MORENO, Cláudio. **Tróia: o romance de uma guerra**. Porto Alegre: L&MP, 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. (Org.). **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

PERELMAN, Chaim. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RAMALHO, Ramon Rodrigues. Modelo analítico da pedagogia do oprimido: sistematização do método Paulo Freire. *In: Revista Brasileira de Educação*, v. 27 e 270007. p. 1-22, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez Editora, Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. *In: Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília 2008 mar/abr, 61(2): p. 254-257, 2008.

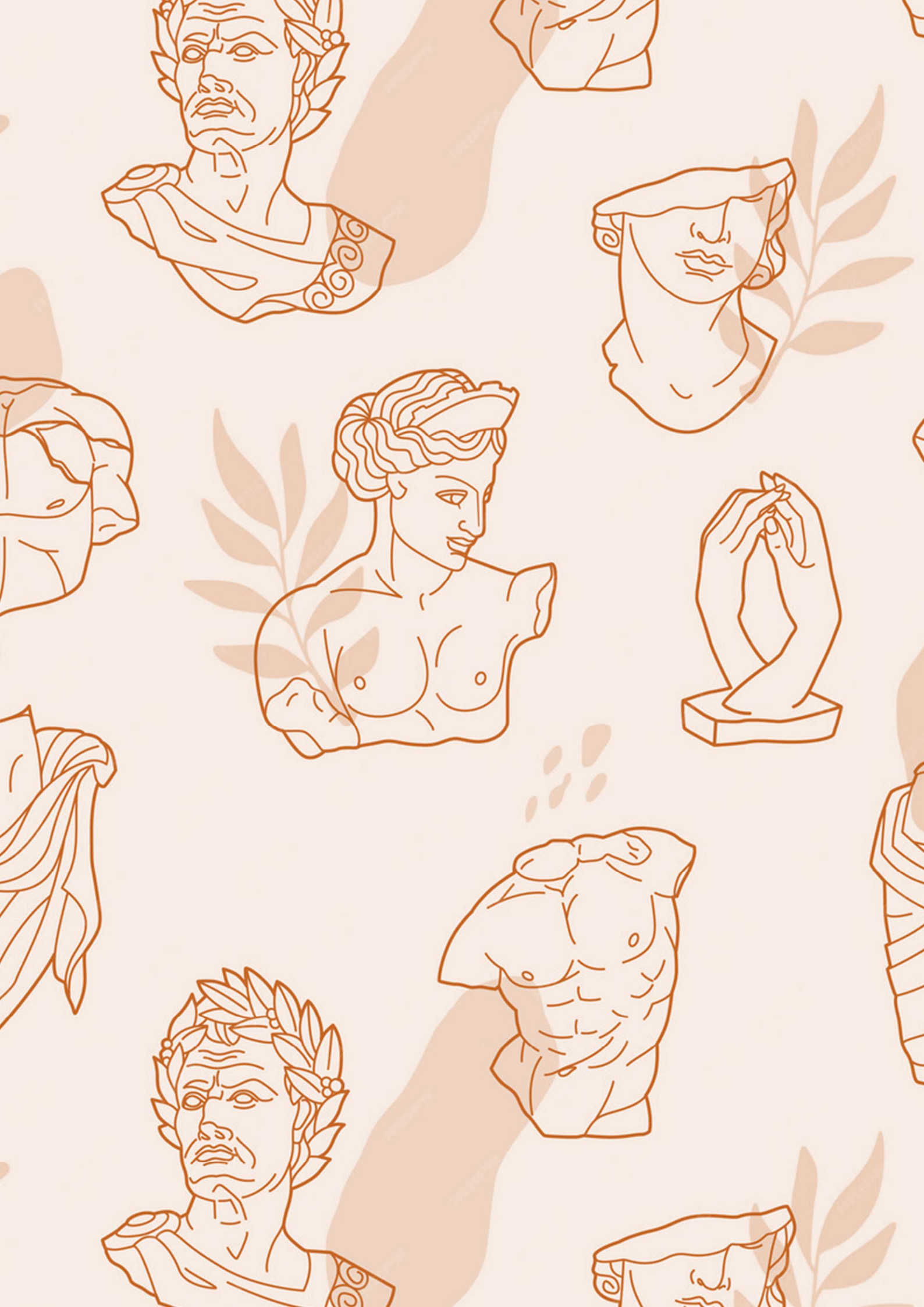
SILVIA, Jovânia Marques de Oliveira e; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. *In: Revista Brasileira de Enfermagem*, Nº 61(2): mar/abr; 61(2): 254-257. Brasília, 2008.

SPINELLI, Miguel. **Questões fundamentais da filosofia grega**. São Paulo. Loyola, 2006.

TRIVÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2014.

VIRGENS, João Henrique Araújo; TEIXEIRA, Carmem Fontes. Análise de conjuntura: contribuições teórico metodológicas. *//: Lua Nova*, São Paulo, N° 120, p. 325-357, 2023.





Quem somos? O que nos define? Somos resultado de nossas próprias escolhas ou fruto das influências que nos cercam? Essas são algumas das perguntas que a Filosofia nos convida a explorar, incentivando um olhar crítico e reflexivo sobre o mundo e sobre nós mesmos.

A **Apostila de Filosofia – Coleção Educação Transforma** foi elaborada para introduzir os estudantes do cursinho popular da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) ao fascinante universo filosófico. Mais do que um estudo teórico, este material propõe um exercício de pensamento que possibilita compreender a existência humana e os desafios do mundo contemporâneo a partir da reflexão crítica.

Mais do que um conteúdo preparatório, esta apostila visa formar cidadãos reflexivos, capazes de interpretar a realidade e agir com autonomia. Em um mundo onde somos constantemente bombardeados por discursos prontos e verdades absolutas, pensar filosoficamente torna-se uma necessidade urgente. Afinal, compreender a Filosofia é compreender o próprio sentido da existência.

